



9

ALABAMA



1867

A

1868



I	8
6	20

L. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 42.

Preco d'assignatura — 1\$ rs. por serie d' 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

1.º DE OUTUBRO DE 1868.

N. 416.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
30 de setembro de 1868.

Officio ao Illra. Sr. Dr. chefe de policia, lembrando-lhe a conveniencia de aproveitar um menino orphão, o qual, na companhia de aprendizes, pode vir a prestar serviços a seu paiz e a que, entretanto, para um perfeito reu de policia nada falta; porque, alem de servir de *cocada* para as *meninas felizes*, é pro- vecto no kalendario das obscenidades, sobre que discorre com a maior sem-ceremonia e falta de respeito possiveis.

O menino de que se trata, chama-se Ma- nuel, é orphão de pae e mãe e seu ponto favo- rito é a venda *Progresso*, atraz da Sé.

Espera-se que S. S., que tão sollicito se tem mostrado em attender á reclamações justas, não deixará esta em olvido.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá sem demora multetar o creoulo Raymun- do do tal, que infringe a postura 41, atra- vaneando o largo d'Agua de Meninos com toda a lenha que ali desembarca, a qual é por elle atravessada, ficando ao depois engasgado, como a sucuruiúba quando engole o boi e sem lhe poder dar destino. Cumpra.

—Ao porteiro do Forum, ordenando-lhe que advirta á meia duzia de rapazolas, que vão para ali passar as horas, que em tal casa

só vae quem tem negocio; assim de evitar que os sobreditos eujos, impertigados nas ja- nellas, entretidos nos *pestanijos* que fazem para as meninas felizes, estejam a dar cuspa- radas em quem passa ou pára por baixo do mesmo forum, uma vez que devem saber que o melhor lugar de *passar-tempo* é o Largo do Theatro, para onde devem ir nas horas vagas. Cumpra.

—Quem tiver o seu segredo
Não conte a mulher casada;
A mulher conta ao marido,
O marido á camarada.

—Bravo! deu hoje p'ra versejar!

—E com effeito, quem quizer saber de novidades entre em uma taverna, ou vá á casa d'alguma moça solteira.

—Não lhe pareça.

—Ora! Uma destas noites, duas vizinhas minhas conversavam fora de horas, julgando que ninguem as ouvia e dizia uma para a outra que, em certa casa de educação da in- fancia feminina, prenderam por castigo uma menina em um pavoroso quarto escuro, á pão e agua e no fim de tres dias, quando foram vel-a, acharam-na assombrada e como lonca!

—Homem, isso é falta de *charidade*.

—Eu, que tenho o peccado da curiosidade, puz-me na moita e ouvi tudo.

—Mas, si realmente isso se deu, é uma barbaridade; uma antithese da *charidade* a- conselhada por S. Vicente de Paula.

—Não venha atirando sua setta á esmo, porque de *ladeira* acima não attinge o *alvo*.

—Nem eu faço juizos temerarios; o que digo é que nada authorisa tamanha crueldade, com uma creança, si é verdade que o facto se deu.

—Já soube o que houve hontem pela Pre-guiça?

—Não.

—Pois eu lhe conto. Sua policia anda um pouco atrasada.

—Não lhe pareça.

—Pedro Borges, marítimo, ha muito que andava com a pulga, na orelha a respeito da fidelidade de sua companheira. Hontem, ás nove e meia da noite, entrou inesperadamente em casa, que é o 2.º andar do n. 10, e viu convertida em realidade sua suspeita. A rapariga *entretinha-se* com um fulano Charles.

—E o resultado?

—O resultado foi que o tal afrancezadão ainda se julgou com direito de arrumar tres famosas facadas em seu rival e pôr-se ao fresco.

—Coitado! A este é bem cabido o ditado:

Coitado do homem,
Coitado delle,
Tomaram-lhe a moça,
Inda deram nelle.

—Na manhan do dia 29, o Sr. Emygdio, indo abrir a sua loja de sapatos á rua Direita de Palacio, conhecida pela loja do Salvatore, encontrou-a aberta, sem arrombamento, e a gaveta tambem aberta, deixando ver-se que foi com algum instrumento mettido na lingueta da fechadura, dando por falta de trinta e nove mil e tanto reis, sendo trinta e quatro mil reis em papel, mil e tantos reis em cobre, dous patações de dous mil reis cada um, um relógio de prata e um anel de trança de cabellos.

—E' celebre isto!

Pois como é que a loja do Sr. Emygdio, que fica defronte do portão do pateo do Palacio, onde ha de continuo uma sentinella, e em uma rua tão concorrida como aquella, ponde um ladrão abrir a porta, alta noite provavelmente, introduzir-se dentro, roubar e sair sem ser visto?

—Não sei; o prejudicado mandou chamar-me e mostrou a gaveta com a lingueta machucada, pela força que empregou o ladrão para abri-la.

—Ha cousas que parecem impossiveis!

Em todo caso, pedimos ao Sr. Dr. chefe de policia providencias contra os larapios, que invadem as propriedades alheias, porque

entendem que não devem trabalhar e querem viver a custa do suor alheio.

—Bimbalhadas velhas pelo Corpo Santo.

—E' um duetto de cacete que estão ep-saiando aquelles cujos.

—Que dous! Um appellida-se de *corsario* e o outro inculca-se de *barateiro*.

—Mas não o protegido da *fortuna*.

—Não, é o vindo de *Guimarães*.

Á PEDIDO.

—Capitão, temos cousa.

—Venha.

—Trago-lhe este presente.

—Olhe, que tem *mau gosto*.

—Recrutei este bisborria, na occasião em que, encarapitado n'uma *rochã*, dispunha-se a saltar o quintal do Antonio para bifar *amoreiras*.

—Prova mais que evidente de que tem queda para rato.

—Isso nem se pergunta, capitão.

—Va se chegando para perto.

—Capitão, pelo amor de Deus.

—Não *s'acanha*, rapaz, V. ainda não disse ao que veio e ja pede misericordia!

—Ah! capitão....

—Ora vamos, narre lá esse catalogo de *mazellas*.

—Nada tenho para dizer.

—Aqui não se admite *hypocrisia*. Vamos.

—Capitão, juro-lhe.....

—Obstina-se?

—Intrigas, capitão.

—Muxingueiro! Este meliante em ferros por 3 dias á pão e agoa.

—Eu fallo, capitão, eu fallo.

—Ja desamuou? Então abrevie isso.

—Quanto me custal?

—Não admitto protelações.

—A primeira de minhas tratantadas foi com meu proprio pae.

—Principiou bem; siga.

—Associou-me a uma *fabrica de oleo apurado* e eu tanta tranquibernia fiz, tanto o lezei, que elle perdeu a paciencia e me deitou no andar da rua, por que estava prestes a dar em pantanas.

—Pelos domingos se tiram os dias santos; si quem-lhe deu o ser não o ponde soffrer, é por que V. é um refinadissimo tranpolina.

—Pode me dispensar o resto, capitão.

—Nada, nada.

—Capitão, dispense-me, que eu posso es-pichar-me; minha instrucção é adquerida no collegio dos Arianis, minha intelligencia é do

Belchior e minha eloquencia do Chuchú Frederico.

—Capitão, ou, quando o trouxe a V. Ex. não foi por elle ser boa rollia. Tem uma lingua viperina, afiada como navalha; não guarda decoro á honra da casada, nem á honestidade da donzella; todos para elle tem vicios, que o diga um rapaz *severo* no seu procedimento, cuja vida é atassalhada constantemente.

—Intrigas de eleição.

—Tem mais o predicado de ser cacoista e batedor de eleição. Na freguezia do *Segura Paredes* quiz ultimamente se attestar com o homem dos Coutos.

—Pois esse mono não vê que açafão não é para boi?

—É V. Ex. não sabe de mais uma fumaça tolla deste bestalhão?

Anda blasonando que é o futuro major do batalhão dos *balaios* e já está em ajustes de um cavallo russo pedrez; que para a carga Deus o fez.

—Elle mesmo me parece um cavallo. Pois o governo vae se lombrar desta rollia para fiscal de um batalhão!

—Minha gente está de cima, capitão.

—Pois sim, o muxingueiro é quem lhe ha de pregar os galoes, em logar de ser na farda ha de ser nas costas.

(*Continúa.*)

—*Badú*, as calças do menino?

—Estou apromptando.

—É sempre sua desculpa!

Desde janeiro que lhe dei o diuheiro para a fazenda, e sempre que lhe encontro vem V. com esta cantilena.

—Qualquer dos dias lhe entrego.

—Si V. já *decreta* os cobres me desengane.

—Eu?! Sou incapaz.

—De *impandimentos* basta; ou me dê a obra, ou eu vou ao capitão do *Alabama* para lhe indereçar uma daquellas missivas costumadas.

—Não me faça este mal!

—Então, veja lá o que faz.

—Aqui está a moderação e justiça dos taes Srs. conservadores:

João Julio Candido, entrou para o arsenal de marinha menino, lá aprendeu officio e lá se pôz homem.

Cason-se, e hoje é chefe de uma numerosa familia; com o suor de seu rosto tirava ali, por meio de seu officio, a subsistencia para si, sua mulher, seus filhos, suas irmans e mais pessoas que sustenta.

Sem que nem para que, arrancaram o pão da bocca de tanta gente, pelo imperdoavel erimo, attribuido a João Julio, de ser liberal, ou talvez porque não quiz se sujeitar á humilhante condicção de portador de uma chupa carimbada!

E são os homens, que bradavam contra os excessos dos progressistas!

—Ora crela-se em tal gente!

—A mim elles nunca enganaram.

—Neste caso, os progressistas eram mais tolerantes; porque conservavam em seus logares empregados publicos, que os hostilizavam abertamente.

—E atémomearam a adversarios para muitos logares. Ahí está o tenente-coronel Paranhos, para exemplo.

—Entretantó, elles covam o seu rancor até com um pobre artista, reduzindo-o ao mais apertado transe e desesperadora condicção da vida—a fome de sua familia!

—Pois aquillo assenta n'um padre?!

—Que regateirol!

—Comb' uma quitandeira, n'uma porta de loja a *batter bocca* por causa de 1177 rs!

—E diuheiro que elle não pode cobrar; porque não só deixou a capellania sem missa, como não deu conta do Menino Deus, que desappareceu, levado talvez pelas monimas que o visitavam.

—Que bellas *amenidades* sabem daquelle lingua de prata!

—É um capadanchim completo.

—A Mãe de Deus da Barroquinha dê juizo a quem não tem.

—Sempre pensei que aquelle padre fosse mais *sabido*, agora vejo que ha muito elle devia ter um logar reservado no hospicio de Pedro 2.º

Com o favor do Demo querem receber-se em matrimonio—José Olavo e Bençola, ambos residentes n'esta cidade.

Quem couber de algum impedimento, pregue-o pelas esquinas.

Sodoma 30 de setembro de 1868.

VARIÉDADES.

OBRAS DE MISERICORDIA.

As obras de misericordia eleitoraes, no imperio do Brasil, são quatorze, sete do governo e sete da policia.

As do governo são estas:

1.ª Dar de comer a quem tem fome. — Isto é, diuheiro ao que quizer vender o votinho no dia da eleição, na porta da igreja.

« 2.^a Dar de beber a quem tem sêde. — Mandar collocar mezas com bebidas nas proximidades das egrejas, para os votantes matarem a sêde.

« 3.^a Vestir os nús. — Dar roupa e calçado aos que o não tiverem, para poderem sahir n'este dia a levar o votinho.

« 4.^a Visitar os enfermos e encarcerados. — Mandar á casa dos que se acharem doentes, offerecer cadeiras ou rêdes para poderem ir á egreja: e egualmente mandar ás prisões offerecer liberdade aos que se acharem recolhidos (por pequenos crimes) se aceitarem a chapinha.

« 5.^a Dar pousada ao peregrino. — Offerecer casa e mesa nas vespersas de eleições aos que necessitarem (porem isso só até o ultimo dia d'ella).

« 6.^a Remir os captivos. — Pagar aos capangas que melhor se sahirem, nas lutas das egrejas e praças publicas.

« 7.^a Enterrar os mortos. — Quer dizer! fazer-los ressuscitar para irem ás egrejas levar o votinho, e depois enterra los de novo. »

« As da policia são estas:

« 1.^a Dar bons conselhos. — Aquelle que for empregado publico, ou guarda nacional solteiro, para votar no governo, sob pena de demissão do emprego, ou ir para o Paraguay.

« 2.^a Ensinar os ignorantes. — A maneira por que se devem apresentar nas egrejas e responderem ás perguntas de alguns opposicionistas, quando se desconfiar de que é phosphoro.

« 3.^a Consolar os tristes. — Prometter em nome do governo bons empregos áquelles que os pretenderem nas primeiras vagas que houver.

« 4.^a Castigar os que erram. — Perseguir e prender o votante, que não quizer sujeitar-se á imposição da chapinha.

« 5.^a Perdoar as injurias. — Que tiverem de algum votante (porem isso só até o ultimo dia da eleição).

« 6.^a Sofrer com paciencia as fraquezas do proximo — D'aquelles que se embebedarem e provocarem desordens (sendo elles governistas).

« 7.^a Rogar a Deus pelos vivos e defuntos. — Isto é, pelô governo para que elle vença a eleição, não obstante o emprego do dinheiro e força, e que a defunta opposição não ressucite. Amen. »

UMA SCENA CURIOSA.

Um jornal inglez conta o seguinte caso passado n'um tribunal de Londres:

Henry Gibbs foi acusado de ter roubado um par de calças pertencentes a um algibebe de Moorgastestreet.

O magistrado achando insufficiente as provas, mandou soltar Gibbs.

Todavia Gibbs, conservou-se immovel sobre o banco dos reus.

O seu advogado foi dizer-lho que estava livre, porém Gibbs teimava em não mover-se do logar que occupava.

A sala do tribunal estava quasi deserta e Gibbs não se movia.

O advogado, impaciente, perguntou-lhe com vivacidade qual era o motivo porque não queria sahir.

Gibbs disse-lhe em voz baixa ao ouvido:

— Não tive animo para sahir antes das testemunhas.

— Porque?

— Porque trago vestidas as calças que roubei!

QUESTÃO DE SUBSTANCIAS.

Dizia um chefe de familia a um seu visinho:

— Meu amigo cada dia se vão tornando mais caras as substancias. Custa tudo um dinheirão.

— Não é tanto assim, visinho. Leia você este periodico do dia, e ahi verá que em uma aldeia proxima, houve um individuo que por doze vintens deu em outro treze bordoadas.

ANNUNCIOS.

A festividade de Nossa Senhora da Gloria, que se tinha de celebrar no dia 27 de setembro, transferiu-se para o dia 8 de novembro, em consequencia de se achar enferma a primeira juiza a Exma. Sra. D. Aprigia Aranhas Dantas, ficando em vigor as esmolas que se tem recebido para tal solemidade.

Bahia e devoção de Nossa Senhora da Gloria, 29 de setembro de 1868. — O thezoureiro, *Clemente Borges*.

QUEIMA ESPANTOSA!

A 2\$400! 2\$400! 2\$400!!

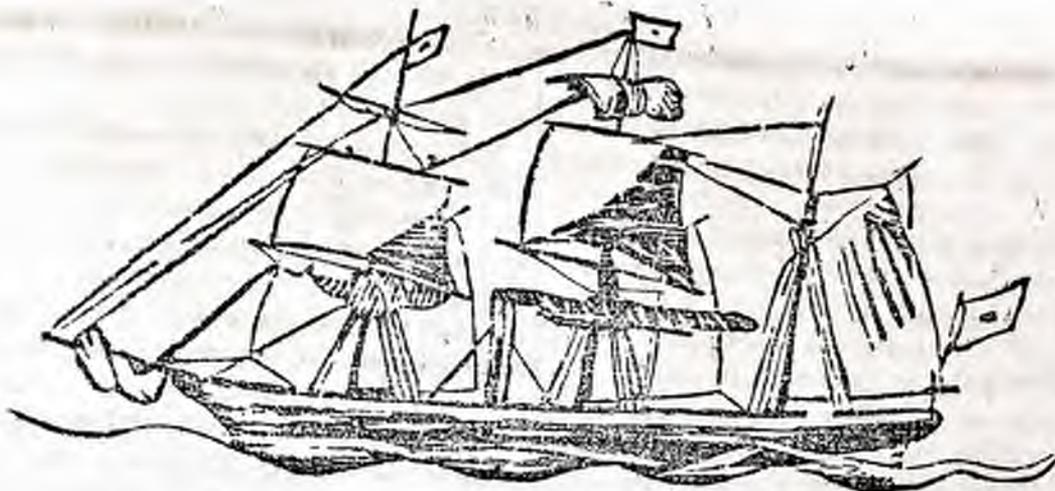
Cada corte de cassa achitada de fixos e lindos padrões, com 8 jardas cada um, fazenda propria para vestido, vende a loja 106, ao entrar das Grades de Ferro, por baixo da Lithographia Jourdan.

A's familias que dezejarem ver esta novidade, mandando o importe, da-se para ver.

No becco do Tapa-buraco acha-se a venda grande porção de lunetas proprias para os rapazes, que padecem falta de juizo nos olhos; tambem se trocam por alguma roupa usada, porem ja paga ao alfaiate, para não haver duvidas no contracto.

AMA

Precisa-se de uma na rua da Preguiça n. 11, 2.^o andar.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 42.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

3 DE OUTUBRO DE 1868.

N. 417.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
2 de outubro de 1868.

Officio ao Ilm Sr. Dr. delegado do 1.º districto, communicando-lhe que o becco do Rincão, á rua das Veronicas, está convertido em theatro das mais deshonestas e torpes scenas praticadas por homens e mulheres sem occupação licita, que ali se abrigam, sendo á noite principalmente que primam na pratica de tudo quanto a sociedade reprova, com grave escandalo e offensa para a moralidade das familias. Não devendo continuar semelhante ajuntamento, que muitas vezes excede a 50 pessoas, pede-se á S. S. que, por meio de seus agentes, se digne mandar dissolvê-lo, aproveitando os que estiverem no caso de servir á nação.

Portaria ao fiscal geral.—E' de summa necessidade que V. m. prohiba por meio de editaes ou avisos publicos a creação de gallinhas, pintos e capões, porcos e perús. que tão impropriamente se pratica nas ruas desta cidade; devendo Vm. munir-se de uma sacola e ir mandando agarrar todas as gallinhas e mais passaralhada que encontrar pastando pelas ruas, as quaes serao fritas ou assadas e vendidas em leilão, sendo o producto applicado para as despezas da municipalidade, que anda tão pobre.

Tudo isso deve Vm. cumprir com exacti-

dão, para que essa gente saiba que as ruas da cidade foram feitas para transito publico e não para gallinheiros e chiqueiros. Cumpra.

—Perversidade sem limites!

—De quem?

—De uns malfazejos garotos, que se sentam á noite na porta da sachristia de Sant'Anna e atravessam uma corda, para terem o satanico prazer de ver quem vem ou vae pela rua do Carro ir de ventas ao chão.

—Que malvados!

—Na quarta feira, á noite, racharam a cabeça de um escravo do Sr. Pinto de Bulhões com esse maligno brinquedo e empalmaram em cima disso 17\$ mil reis que o escravo levava.

—São flores para engrinaldar a coroa vigilante da nossa policia.

NOTICIAS DO INFERNO.

Carta remettida por Ferrabraz a seu amigo João Duro, habitante cá deste mundo, chegada ultimamente pelo vapor Lobis-homen.

AMIGO JOÃO DURO.

Caverna dos Fogareus 20 de setembro de 1868.

Aproveito a occasião da partida deste vapor, que vae com escala pelo cemiterio, para te dar algumas noticias do que tenho visto, e ao mesmo tempo saber como vaes tu nesse mundo de velhacadas.

Isto por cá está quasi vasio, porque quasi todos os demonios estão de canastra arrumada para passarem a festa no Purgatorio, as Furias estão tambem se apromptando para tomarem banhos no Vesuvio grande..

Na quarta feira da semana passada, o general de ferro passou revista na guarda nacional toda que aqui temos; apresentou-se a tropa toda ricamente fardada em fraldas de camisa, com ricas bandas de musica de bosinas, chocalhos, matracas, campainhas e foguetes. Ao meio dia e meia hora começou o exercicio de fogo com artilharia de feijão, e era tanta a fumaça que os capitães não encheravam as fileiras.

Acabada a revista, fui dar um gyro á casa do inspector geral das fogueiras e pedi-lhe que me fosse mostrar as prisões; elle promptamente prestou-se a este obsequio, e fez-me descer por um alcapão, que tinha uma escada estreita e levada da breca, andei mais de meia hora, e por fim cheguei a um subterraneo horroroso; neste lugar vi diversas portas grossas de ferro pelás paredes, que eram cor de chumbo: mandou elle com um forte grito que se abrissem e então entrei eu a admirar o que vae por aqui de espantos e scenas medonhas.

No primeiro cubiculo, ou calabouço, estavam uns homens de capa preta com umas correntes nos pés e uma quantidade de resmas de papel sobre a cabeça, que os fazia curvar pelo grande peso.

Perguntei que sujeitos eram aquelles, e disse o general: «amigo, apreade; aquelles são os ministros malvados e sem character, que por dinheiro deram sentenças injustas lá no mundo, e por isso estão condemnados a carregarem os autos de suas patifarias emquanto houverem demandas lá pela terra.»

No quarto immediato estava uma meia duzia de sujeitos, carregados de retalhos de fazendas de muitas qualidades, umas thesouras grandes penduradas sobre os narizes, e uns demoninhos anões cosendo-lhes as orelhas com barbante.

Quiz eu saber o que era aquillo, e disse o homem: estes são os alfaiates ladrões, que furtam as fazendas de seus donos; então um dos condemnados disse:—eu, Sr., nunca fiz obra sem tirar o meu quinhão; pedia sempre de mais, ao menos meio covado, e alem disto sempre fazia a obra estreita para se rasgar mais depressa.

No outro quarto visinho, estavam uns homens cheios de latões, arames, parafusos e uma trapalhada immensa de ferrinhos que quanto mais elles os arrumavam, mais se atrapalhavam, de sorte que estavam damnados.

Procurei saber que artistas eram esses, disse o inspector: estes são os relojoeiros velhacos, que trocam mollas dos relógios bons, quando seus donos dão para concertar e por isso almoça cada um, por dia, seis duzias de bolos de palmatoria de cação.

Depois disto, sahimos por um corredor pintado de vermelho e fomos dar n'um pateo grande; chamado praça do castigo; abi estão seis pelourinhos e nove troncos afora uma immensidade de correntes de todas as grossuras e já muito ferrugentas.

Neste pavoroso logar, estavam uns trinta e tantos homens com umas caras muito espantadas, vestidos de mulher com saias de zuarte e lenço pela cabeça, á laia das beatas de capote.

Disseram-me que estes eram os militares covardes, que trahiram o governo com a ganancia das revoluções, e por isso só se occupavam agora em fazer guardas no poleiro de Satanaz, para vigiarem as gallinhas, por causa dos morcegos e as apalparem quando tiverem ovos. Com effeito, fiquei admirado de ver officiaes de patente superior tão fracos e tão faltos de brio.

No tecto d'um telheiro grande, mais adiante estava pendurada uma gaiola ou capoeira monstro feita de sipó caboclo e cheia de moças dentro, todas muito alvitreiras assobiando e dançando polkas, por serem n'umoradeiras e lograrem os rapazes, chupando presentes por ociosidade e vicio; estavam condemnadas a comer só lagartixas cosidas.

A ultima scena que vimos e bem interessante foi de um grupo de sujeitos muito amarellos, carregando ás costas umas caixas grandes de vidraça e com uns canudinhos de cobre tortos mettidos nas ventas: que gente é esta? disse eu—respondeu um delles: amigo, nós somos os ourives velhacos que viviamos de comprar furtos e ficar com o ouro de quem nos mandava fazer obra, ou trocal-o por cobre e por isso estamos condemnados a carregar ás costas, em ar de realejo, as taboletas de nossas ladroeiras e alem disto o Sr. Satanaz ordenou que trouxessemos sempre os maçaricos mettidos no nariz.

Eis-aqui, meu João Duro, o resultado deste passeio que fiz ás cavernas do inferno e tratei de voltar logo, porque o calor era muito e os logares estavam entupidos de gente de sorte que se trata de augmentar as commo-didades das prisões para receber os freguezes, que forem chegando lá do mundo.

Por ora é o que tenho visto de mais notavel, si eu souber de mais alguma novidade lhe contarei e, entretanto, Vm. me escreva; mande-me noticias de como vae essa Latronopolis de rapinas; diga-me si as meninas do becco já

casaram e mande-me pelo primeiro portador que tiver cá para o inferno meia arroba de enxofre, que é o genero que aqui mais se gasta.

Rogo lhe mais que não se esqueça de mim que sou seu amigo e pode ser que Vin. ainda vanha parar com os ossos cá.

Seu abrasado amigo sem fumaça,
Ferrabraz.

Á PEDIDO.

—Que diabos de estudantes!

Não passa uma pessoa aqui que não seja pateada por elles.

—São divertimentos de estudantes darem pateadas.

—Mas tudo tem seus limites!

Já não são as pateadas, são os insultos que lançam sobre as pessoas que tem a infelicidade de transitar aqui pela *ladeira* da *vendagem das hortas!*

Na quarta-feira patêaram ao acendedor do gaz de tal sorte que elle desesperado, quebrou, com a escada, todas as vidraças da casa dos insolentes.

A vizinhança vive encommodada com o barulho que elles fazem a qualquer hora do dia ou da noite.

—Então, meu amigo, dirija-se ao chefe de policia, para ver si elle manda chamal-os e consegue por boas maneiras corregil-os.

—Por ahí é que vou!

RESPOSTA DOS CONTRAHENTES.

Cantella... olhe o *rabo de palha*, não queira despertar o *LEÃO* que dorme.

Alma de Vieira.

NOTICIA MARITIMA.

O patacho *Manuel Rodrigues*, que tinha sahido deste porto carregado de *marmotas*, voltou em lastro.

—Ora; um frade pedreiro!

—Si ha de ir para o altar dizer missa, anda mettido entre cal e tijollos vigas e caibros.

—Cada um para o que nasceu.

—E não lhe pareça; por que é onde elle desempenha melhor sua apostolica missão.

—Da algibeira.

—Nem ao menos ha quem lhe mande tirar aquelle habito, que conspurca com a requintada sordidez,

—E' uma vergonha para a ordem a que pertence.

—Um sacerdote de habito arregaçado trepado pelos andaimes!

—Só nesta dissoluta Latronopolis!

—Meu *Domingos*, o *machado* da corrupção lavra em todos os corpos.

—Eu cá não sou palmatoria do mundo.

—E quem lhe manda?

—Entretanto, entende certa gente que comigo é que deve desabafar suas magoas.

—E' porque sabe que V: não tem baratas no papo.

—Ora, o que tenho eu, que no *trem dos nauticos* não se pague semanalmente, como é ordem, para vir aquelle homem todo queixoso me dizer?

—Si elle se queixa, é que lhe dóe as canellas.

—E conta, todo sentido, as privações que está passando, porque assim o exigem os interesses de uns Srs. Caribé. Leal e Mello, respeitaveis descontadores de salarios *sem usura*.

—Nesta terra tudo é assim. Dá-se uma ordem e não se cumpre, embora sofram os pobres.

MOTTE.

*Quem me dera estar agora
Onde está meu pensamento.*

GLOZA.

Comi de queijo uma tora,
E um pedaço de pudim;
Co'a Maria do Bomfim
Quem me dera estar agora.
Todo coixo é caipora,
Todo frade tem convento,
Botica é que vende unguento,
Globo fechado é lanterna;
E' la mesmo na taverna
Onde está meu pensamento.

—Agora não é o *Ciry* que mette a conhecida na sachristia.

—Cré com cré e lé com lé.

—Falle-me assim.

—Então faça ponto até ahí.

—Essas entradas pelo corredor dão o que fallar.

—Alguma confissão em segredo.

—No quarto do *prebendado?*

—Sim.

—Qual; *Jorge* não canta desse.

—Pois tome-la como quizer.

—Falle-me *franco* assim, que eu concordo.

—Mesmo que ali vem a *Libania* muito lampreira com o seu taboleiro de bananas.

—Capitão!

—Que queres, rapaz?

—Um pouco de attenção.

—Pois avia-te.

—Na rua do *Corpo Bento*, ha um velhaco de grande marca com fumaças de valentão, que n'outra época foi traficante fallido. (e a correccão que o diga), considerado fraudulento, pelo que andou homisiado muito tempo, e á poucos dias foi preso por ebrio e insultar e provecar o dono da casa, onde tomou a carraspana.

—Ja vês que a policia fez o seu dever.

—Não digo o contrario, capitão; ouça porrem o melhor.

—Falla, falla.

—Esse *mata-sete*, não sei lá porque arte se reabilitou e apparece agora com um cubiculo ao *Corpo Bento*, tendo ás suas portas um lorpa idoso, acerrimo devoto da santa caehassinha: e faz pejo ver a descaração com que atropella os transitantes para que comprem na casa de seu amo; a uns segura-os pelas roupas detendo-os para que o ouçam, a outros diz: V. S., V. Ex., faz favor, && como aconteceu comigo e ainda peor; em quanto ouvi psio, psio, V. S. faz favor, V. Ex. dá-me uma palavra, fui bem; mas quando travou-me do braço e disse: O que é que seu senhor lhe mandou comprar? Sem esperar pelo mais, que ia dizer, retirei meu braço com tamanho impeto que rompi minha jaqueta e vim mal-dizendo o bebado, que teve o desaforo de tratar-me por escravo: negro e pobre sim, mas livre desde que nasci.

—Está bom, o muxingueiro, munido do competente latego, vae intimar o relaxado a que te acompanhe ao hotel Leão Dourado, e la lhe applicará o correctivo com que tambem ja lá mesmo obsequiaram ao *Godinho* de S. João.

—Descance, capitão, suas ordens serão cumpridas, mas não me interrompa, ouça o mais interessante.

—Pois avia-te, tenho que fazer.

—No dia em que se deu o que lhe contei, passando outra vez de tarde no *Corpo Bento*, vi grande ajuntamento de povo, e o tal lorpa com as feições contrahidas zurrando mil immoralidades, e soube que elle tinha atacado um vizinho com um cacete armado de prego e ferindo-lhe o rosto depois de o insultar.

Que aguardente! jurei não passar mais no *Corpo Bento*. Eim, capitão, que me diz?

—Isto é com a policia, faça o que ordenei e a policia que se avenha com o resto.

VARIÉDADES.

COUSAS QUE PODEM PARECER-SE UM COMPOSITOR.

Com um alfaiate, que toma medidas e tira provas.

Com um sepultureiro, que anda com caixas.

Com um geometra, que trata de linhas.

Com um cabellereiro, que anda com cabeças e faz *acrescentamentos*.

Com um acrobata, que dá saltos.

Com um marítimo, que conduz galeras.

Com elastico, que ajusta.

Com um archivo, que guarda originaes.

Com um patriota, que anda com pasteis.

Com um ministro, que faz combinações.

Com um general, que recorre a linha.

Com um deputado, ou senador por que faz discursos.

ANNUNCIOS.

A alma do fallecido Ignacio Calombo pede ao reverendissimo vigario Escorrega, haja de entregar ao Manuel Braz, seu credor, a casa de telhas que lhe andou em 250\$ reis e que saa reverendissima tomou em paga da encommendação e estolla; do contrario terá de o accusar no inferno por esta e outras esportezas.

Mr. Guinothe, Dr. em horticultura, chegado no ultimo paquete, participa ao respeitavel publico desta cidade que está prompto a toda hora para fazer plantações em jardins, preparando-os de uma maneira assaz bella, com o ornamento de ricas flores, nunca vistas em parte alguma do mundo; a saber: cravos verdes, sandades cor de castanha, boninas azues, aifinete de Napoleão, dentes de frade, cuspo de freira, abraços de donzellá, me deixes de velha e violeta furta-cores. Tambem tem em seu poder grandes estatuas para o mesmo fim, como sejam—o caçador dos montes Peryneus, o gigante da Polonia, o rei da Siberia, o turco de Andaluzia, o errante do deserto e outros muitos que por falta de papel não são mencionades.

Quem se quizer utilizar de seus prestimos, procure-o em casa de seu visinho mais chegado, que está incumbido de ensinar a sua residencia.

No jardim mais romanesco,

Deve ter a primasia

O jardineiro formado

A pouco em Andaluzia.

O Annunciante.

ATTENÇÃO.

O padre por acaunha o—lamba tripas—se acha nesta cidade e está prompto a todas as horas para confissões; tambem sabe tirar diabo do corpo, assim como se acha prompto para receber presentes e visitas de suas costumadas devotas.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 42.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

6 DE OUTUBRO DE 1868.

N. 418.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
5 de outubro de 1868.

Officio ao Revm. Sr. vigario geral da vara ecclesiastica.—Convindo manter inteiramente os preccitos da religião e boa moral, torna-se necessario que V. Revma. apresente ao publico desta cidade um cathalogo descriptivo de todos os padres que estão debaixo de sua jurisdicção, declarando, com um signal, os que vivem regularmente e os que vivem regalados; isto é: os que vivem no uso de concubinas teúdas e manteúdas, afim de que as familias e mais pessoas morigeradas do povo deixem de ouvir missa de taes salafreiros; o que se deve cumprir, visto que a egreja prohibe que as missas sejam ditas por mãos impuras e ordena a pena de excommunhão a todos os que as ouvirem *scienter ac libenter*, como V. Revma. não ignora.

(De egual theor á todos os vigarios geraes e mais abbades e guardiães dos conventos e colleccões de frades.)

—Saiba mais desta.

—Diga lá.

—No fim da rua da Larangeira ha um velho pardieiro, propriedade do Sr. major Souza Paraizo, que servia de ninho aos ratoneiros.

—Olá!

—Ali, á noite, reuniam-se os respeitaveis

membros da companhia e deliberavam o detalhe do serviço nocturno.

Na quarta-feira passada, o subdelegado da Sé deu por lá e ponde filar doas, porque os outros fizeram-se de vela.

—Sempre serviu.

—Octavio e Aristides de tal, chamam-se os doas melros que, cahiram na ratoeira e que foram logo mandados tomar ares na corveta; ambos são de côr branca.

—Por esta não esperavam elles.

—Nem por isso hão de se atemorisar. Esta gente é como formiga, tapa-se o buraco n'um logar vae arrebentar em outro.

—Em Cachoeira deu-se um triste caso.

—O que foi, Virgem Santa?

—Uma senhora tinha uma cria de seis para sete annos, dessas criadas com *mimos de yaya*. Querendo em dias da semana passada sahir á maganagem, a senhora prohibiu-lh'o, em má hora; porque o travesso moleque amuou-se e esperou que a yaya se fosse deitar, para accender um phosporo e atacar-lhe fogo á roupa da cama.

—Que indole!

—A senhora quando a cordon foi toda queimada, e dali a pouco não era desta vida!

—O espinho, que ha de picar, de pequeno traz a ponta; este desde a mais tenra idade mostrou logo o que ha de ser.

—Que diabo de matinada!

—A vizinhança é quem paga as favas.

—Principiam aquelles rapazes a *divertirem-se licitamente* e acabam sempre em *resinga*.

—Pois si elles gostam tanto da leitura do romance das *Cincoenta e duas*, livro que exalta em excesso os spiritos?

—Era bem bom que a policia passeiasse pela rua das *Estampas*.

—Como V., pensa tambem o *Izidro* marceneiro, mas creio que seus desejos são frustrados.

—Então deixe a cousa como vae.

—Não posso conter-me com certas cousas.

—Falle, que seu mal é este.

—Mas não acha que é uma vergonha, que é uma falta de piedade para com os mortos, este carro funebre da Misericordia?

—Diz V., está dito.

—Pois a Misericordia está nas circumstancias de consentir semelhante miseria? Um caixão esburacado, por onde apparecem os pedaços de membros de nossos semelhantes, mutilados pelo escalpello dos estudantes e exhalando uma fedentina insupportavel?!

Ora, isto não tem geito!

—V. pelo que diz tem muita razão. Porem ha certas cousas que eu mesmo não sei explicar.

—Capitão, isto é digno de attenção.

—Pois diga lá.

—Um boletim publicado no exercito diz: «S. Ex. o Sr. marquez de Caxias está com o seu quartel-general junto de uma antiga olaria abandonada, e dahi contempla como general e *pae* a alegria com que seus soldados marcham em *procura do inimigo*.»

—Isso não passã de um epigramma; o nosso exercito procurando o inimigo e occupando sempre praças abandonadas!....

—Acha-se nesta cidade, por alguns dias, o habil artista Mr. Ch. Girard.

—Qual a sua profissão?

—A chiromancia.

—E' cousa nova para mim.

—E' o segredo de ler nas linhas das palmas da mão o futuro de qualquer um.

—Hum! que me diz?

—Quem quizer, portanto, saber os mysterios de sua vida, pode procural-o na rua da Lama, levando 10\$ rs. no bolso, que é quanto custa cada consulta, por escripto.

—Amanhan, quarta-feira, ha no theatro de S. João um esplendido spectaculo.

—Vem a proposito, porque o publico bahiano anda muito secco por distracção.

—Vae á scena, em beneficio do sympathico José Maria, o magnifico drama a *Luxuria*, producção de um distincto talento, o Dr. Cunha Valle.

—Que mais?

—A interessante comedia em um acto—*Olho-Vivo*.

—Vale a pena ir assistir.

—E' de crer que o beneficiado veja coroados os seus esforços por uma enchente redonda.

—Está no porto o *Paraná*, procedente da corte.

—Que novas traz?

—Da guerra o mais importante é o que passo a ler do *Jornal do Commercio*:

«As noticias do theatro da guerra dão as forças brasileiras já acima da villa de Oliva, que demora umas 13 leguas além de Villa Franca, e pouco mais ou menos as mesmas aquem de Villeta. O exercito argentino ficava em Villa-Franca, esperando alguns transportes; para activar a subida dos quaes tinha descido a Humaitá o general Gelly y Obes.

Alem das canhonheiras ingleza, portugueza e italiana, tinha subido o rio Paraguay a franceza *Decidée*.

Uma carta de Humaitá, datada de 19, diz:

«As avançadas de Lopez estão em Palmas. O marquez de Caxias dirige-se á Angostura, onde tomará algumas disposições para cahir sobre o inimigo, que ainda esta em Villeta.»

Lopez retirando-se deixa apoz si o deserto; nas povoações em que tem entrado os alliados não appareceu viva alma, uma só casa se não achou habitada. Velhos e enfermos, todos tem sido arrancados dos seus lares e forçados a acompanhar o fugitivo exercito.

Na carta do nosso correspondente de Buenos-Ayres, em outro logar publicada, se faz a descripção deste pavoroso genero de defesa em que o despota paraguayo sacrifica todos os sentimentos de humanidade aos seus sinistros planos. Falla-se nella tambem das revelações feitas pelo ministro americano Washburn chegado a Buenos-Ayres, e transcreve-se a ultima nota dirigida a Lopez por este diplomata, e da qual se vê que ficaram violentamente detidas na Assumpção duas pessoas pertencentes á legação dos Estados Unidos, confirmando-se todas as crueldades já referidas em noticias anteriores.

Da longa amisade que mostrou a Lopez o dos bons officios que lhe prestou em detrimento da justa causa dos alliados, como das suas proprias notas se evidencia, colheu o Sr. Washburn afinal um tratamento semelhante ao que o rei Theodoro da Abyssinia deu aos

enviados de Inglaterra. Chegou até a tremor pela sua propria vida, e para salvar-se entregou Carreras, o consul portuguez e outros que em sua casa se haviam asylado, tendo afinal de abandonar á discricção do tyranno pessoas pertencentes à sua legação, embarcando ou talvez antes fugindo para bordo de um navio de guerra.»

Um bolletim do exercito diz:

«Villa-Franca 15 de setembro de 1868.

A bordo da canhoneira *Wasp* veio com effeito o ministro americano Washburn com sua familia, criados e bagagens. Eis as importantes noticias que communicou ao Sr. Gould, que se acha a bordo da *Linnet*, e foram por aquelle cavalheiro transmittidas ao nosso vice-almirante visconde de Inhauma;

Que Lopez na occasião de embarcar-se elle ministro Washburn fizera prender por soldados de policia o secretario e o addido da legação norte-americana, preferindo elle embarcar-se com sua familia precipitadamente, ainda abandonando seus empregados, a ver-se talvez victima de igual attentado.

Que o ministro residente francez está preso, bem como o vice-consul portuguez, tendo sido fuzilado o consul da mesma nação.

Que o ministro Washburn já a bordo dirigira uma nota virulenta a Lopez declarando-o inimigo do genero humano, e por isso merecedor da guerra de todas as nações civilisadas da Europa e da America.

Que todos os italianos existentes na Assumpção estão encarcerados, sendo indescriptivel o horror de que se acham apoderados todos os estrangeiros que alli residem.

Que Lopez para justificar o confisco nos bens de estrangeiros inventou que o thesouro publico havia sido por elles roubado.

Que Lopez está um verdadeiro possesso, que não tem mais que 5,000 homens combatentes, aos quaes se podem juntar mais 3,000 crianças entre 8 e 12 annos.

Que tendo convidado a jantar o commandante americano, com elle estivera a sós, e que no meio do jantar se levantara furioso gritando, que todos lhe haviam de pagar, exclamando por differentes vezes em francez: *il faut finir pour commencer*.

Que tambem dissera, que vencido em Villeta, havia de retirar-se para as cordilheiras, onde se poderia sustentar por um anno, obrigando os alliados aos maiores sacrificios.

Que ordenára uma revista de suas tropas, e que para enganar o commandante da canhoneira *Wasp*, que convidára para a ella assistir, fizera disfilarem por tres vezes a mesma gente, como si fossem differentes corpos de

exercito, servindo-se para esta grosseira manobra de uma elevação do terreno no campo da revista.

O Sr. Gould accrescentou ao nosso vice-almirante que elle se vai entender com os commandantes das canhoneiras franceza, portugueza e italiana, e os respectivos ministros afim de publicarem um manifesto em nome de suas nações, declarando Lopez fora da lei dos paizes civilisados e inimigo do genero humano.

Que como consequencia disso se poriam á disposição dos alliados para desde já os coadjuvar nas operações de guerra, que por agoa se tenham de praticar contra o tyranno. As proprias inoffensivas mulheres não tem sido poupadas ao furor do exterminio, de que se acha dominado o dictador Lopez.

Dous prisioneiros feitos pela nossa vanguarda, indicam o logar em que ainda se podem encontrar es cadaveres de mulheres de todas as edades, mandadas degollar por meras suspeitas.»

—O ministro americano publicou em Buenos-Ayres as notas trocadas com Lopez, cuja linguagem deixa ver bem claro a má vontade que elle tinha ao Brasil, em relação á guerra do Paraguay.

—Por isso mesmo Lopez deu-lhe o merecido pago, si é exacto tudo isso que vem escripto.

Á PEDIDO.

—Tanta gente ali na porta d'aquelle *barão*, o que será?

—E aqui na margem deste *rio*, onde ha *contas*.

—Ora vamos ver.

—Oh, amigo, V. me diz o que faz aquella gente toda na porta do palacio d'aquelle *barão*?

—Estão vendo ser castigado um preto.

—Porque não pagou a semana, talvez, hoje sabbado.

—E' de suppor; mas estou que até o preto não é escravo do *barão*, porque vi sahirem os pretos d'elle e irem pegal o detraz da matriz do *Chaveiro do Ceu*, e elle o mandou castigar mesmo aqui na porta do seu palacio.

—Que espectáculo ridiculo.

—Não quer dizer nada isso! Viva a liberdade de nosso paiz!

—Sr. Dr. Cravina, preste *contas* do concerto da casa, pois si tem gasto vinte *contos* de réis, sendo seus moleques apontados na folha como officiaes, a cinco patacas diaria-

mente. Assim como a madeira velha que se tirou da obra está em deposito ou foi para sua casa?

Responda, meu sabidão, mais o seu socio que deixa passar a comedilha sem punição até a fiança.

Aonde está a sua probidade, capacidade e vergonha? N'alma do Lucas da Feira.

Seu respeitador
Bollo Fofó.

AS BELLEZAS DA BAHIA.

Minha terra tem bellezas
que eu mesmo não sei contar,
as coisinhas que ella tem
fazem tudo se espantar;
tudo n'ella é brincadeira,
tudo n'ella é frioleira,
desde ali até aqui;
ha n'ella tanta grandeza!
ha tambem tanta impureza,
como assim eu nunca vi.

Minha terra é tão formosa
que rivalisa ao Japão,
os homens que a governam
tem bucho de tubarão.
Si durasse o tal *progresso*
que trouxe tudo em regresso
ella muito soffreria;
não havia quem chorasse,
ao ver dos homens a face
com ares de hypoerisia.

Quem tem pudor e tem honra
chama-se logo tratante,
o pobre que é honrado
tem o nome de pedante:
os homens de *senhoria*
n'ella tem tanta ousadia
de matar a quem quizer!
não tem culpa e nem agravo,
porque diz que é seu escravo,
não pode nada soffrer.

Os homens que a governam
só servem p'ra cavar fossos;
os ricos comem a carne,
os pobres roem os ossos.
Quem é branco e tem dinheiro,
é mais que um Deus verdadeiro,
faz o que quer e o que entende!
quem n'ella rouba é barão
de grande reputação,
porque a propria honra vende.

Minha terra é uma republica
mas tem o nome de imperio,
assim querem os *senhores*
que se trepam no poderio.
O gostoso verbo *unhar*

gostam elles de estudar
porque dá allivio a quem chora,
todos elles querem teta
em bom estado e perfeita
que dê leite a toda hora.

Eu tambem quero uma teta
muito grossa e muito rica,
eu tambem sou da panella
não sou filho de mãe *Chica*.
Metti o papel no buraco
ou foi na urna, ou no sacco
da freguezia da Sé;
eu votei n'um grande home',
não me lembro de seu nome
Si é João, ou Mané.

Quem tem commenda no peito
não soffre damno nenhum,
mas eu que não tenho nada
sou igual a qualquer um,
eu não sou conservador,
nem liberal *furta cor*,
nem progressista bandalho,
o meu partido é o da pança.
o meu partido não cança,
para isso é que trabalho,

E. P. V.

VARIÉDADES.

REGRA DOS IMPOSTORES.

Chamar por muitos criados só tendo um.

Usar de bonet dentro de casa.

Andar de luneta para dizer que tem lido muito.

Usar de anel de cabello para dizer que foi dado pela namorada.

TRADUCCÃO AO PÉ DA LETRA.

Dous roceiros, passando um dia por certa rua da côrte, viram uma taboleta com a seguinte inscripção:

Sol lucet omnibus.

—Aqui na capital o sol passeia de omnibus, exclama um delles admirado.

—Não duvido, replica-lhe o outro; talvez de noite ou quando chove, pois é quando não o vejo.

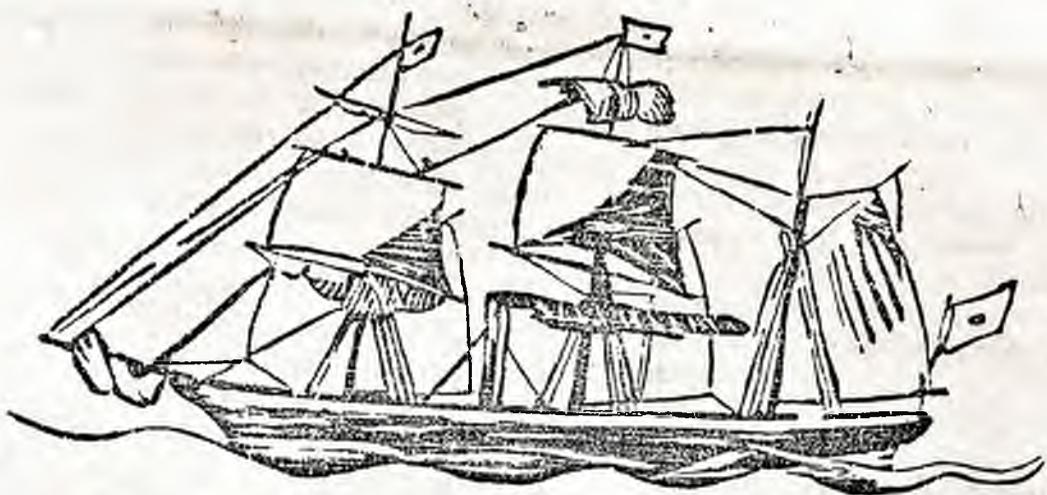
ANNUNCIOS.

QUEIMA ESPANTOSA!

A 2\$400! 2\$400! 2\$400!!

Cada corte de cassa achitada de fixos e lindos padrões, com 8 jardas cada um, fazenda propria para vestido, vende a loja 106, ao entrar das Grades de Ferro, por baixo da Lithographia Jourdan.

A's familias que dezejarem ver esta novidade, mandando o importe, da-se para ver,



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 42.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

8 DE OUTUBRÓ DE 1868.

N. 419.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
7 de outubro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé,
participando-lhe que ha tres dias está fer-
vendo um amotinado *butucagé*, atrapalhando
os pacificos ouvidos da vizinhança, em uma
cafurna, cuja frente dá para a Estrada Nova,
na propriedade em que mora a familia Silva
Reis, ao Maciel de Baixo.

Uma infinidade de mulheres e homens a-
fricanos e nacionaes, de diversas condicções,
estão ali reunidos na pratica de estupidos
sacrificios a idolos grosseiros, aberrando
assim dos preceitos da nossa santa religião e
offendendo a moral, além do notavel encom-
modo que dão á vizinhança com a zoadá dos
maldictos tabaques á noite.

A vista do que fica dito, espera-se que S. S.
com a energia de que tem dado provas, se
digne logo e logo dar providencias que façam
cessar tão depreciadora prova da nossa civi-
lisação.

—Sarceiro no becco do Oratorio.

—E' um tal Angelo, que está levando tudo
a cacete e quebrando cabeças.

—Que estabanado!

Entretanto si o mandassem para a Cor-
recção acalmar o spirito, não faziam nada de
mal.

— Parece que é o que a policia vae fazer,
que ja tomou as embocaduras.

—Depois de longa e *saudosa ausencia*, dei-
tou a cabeça na rua o velho sectario das
ideias democraticas.

—Andou refocilando pela *fazenda*, chapan-
do o succulento caldo *das cannas*.

—E vem logo se sangrando na veia da sau-
de que—*como conta em um e outro campo ami-
gos respeitaveis, a quem presa e igualmente ad-
versarios implacaveis, sinão mesmo inimigos
pessoaes e rancorosos, prefere, portanto, ficar nas
condicções de calma e reflectida neutra-
lidade...*

Ora o que tem Judas com as almas dos po-
bres!

— Ah, maganão! quem não o conhecer que o
compre.

—Que diabo de *trapisonga* é uma aqui?
Tanto homem de catatau aqui em pé!

—E' a casa das *tabaqueiras* ou *tabaquistas*
que está em cerco.

—Tabaqueiras! Que gente é essa?

—Eu mesmo não sei o maldicto nome ex-
quisito que dão a umas lambe-cinza que mo-
ram neste becco do Tira-Chapen.

—Julguei que queriam invadir o palacio
pelos fundos.

—Qual! Foi um perluvio desses que cos-
tumam haver em casa de mulheres da *vida*.

—E precisava tanta patocoadá! Creio que
tomando-se o numero da porta e dando-se

parte de manhã ao subdelegado, estava a cousa feita.

—Desejos de prestar serviço, meu charo.

—Veja só o diabo como as tece!

—Que coximblança é essa?

—Tem se clamado tanto contra a imprevidencia da policia em permittir as *eleições de meninos*, as quaes de meninos só tem o nome; porque homens e bem homens são quem as dirige e insuffa; e por toda a parte eleições de meninos. Nos Mares, eleição de meninos; no Earbalho, eleição de meninos; em Santa Anna, eleição de meninos, em casa do subdelegado; na rua do Tijollo, eleição de meninos; em S. Miguel, eleição de meninos; na Conceição da Praia, idem, idem, e todas ellas acabando sempre em sopapos, cabeças quebradas e tumultos e a policia sempre immovel.

—Muda e queda.

—409 estudantes do lyceu e outros estabelecimentos de instrucção, reúnem-se em uma casa particular e vão fazer tambem sua eleição, que toma certa formalidade official, porque é presidida ou feita com assistencia da autoridade policial.

—Que pagode!

—O director do lyceu, entendeu lá de si para si, que tinha poder para prohibir aquillo que a policia consentia e até sancionava com sua presença, e o resultado foi que o despediram com uma vaia em regra.

—Entretanto, quando se clamou contra os imprudencias dos estudantes, praticadas na porta do estabelecimento contra a visinhança se procurou deitar pannos quentes.

—Passados muitos dias, dous estudantes, no meio de tantos, são presos, levados a policia e dahi a presidencia, que tange tudo para a rua e manda formar a guarda!

—E' o mesmo homem das 400 bayonetas no theatro.

—Ora isso é bobage.

Formar a guarda para meninos inermes!

—Faça ponto ahi e vamos ao que serve.

No meu ver, si a policia tivesse tomado uma deliberação á respeito das eleições de meninos, não andaria agora em taes assados.

—E como pagam dous o que tantos fizeram?

—E que direito tinha o director para entrar em uma casa particular e ir impor?

—Emfim, esperemos pelo resto.

—Aqui está uma de eterna memoria.

—De quem?

—Do nosso presidente.

—Diga.

—« Officio ao Dr. chefe de policia. — Responden-

do ao officio que V. S. me dirigiu hontem, e ao qual acompanharam os do subdelegado da freguezia de S. Felix e delegado do termo da Cachoeira, que sollicitam um destacamento de 6 praças da guarda nacional, afim de manter ali a ordem publica, cabe me dizer-lhe que não pode ser attendido semelhante pedido, não só porque o estado dos cofres provinciales não permite a multiplicação de destacamentos em todas as povoações, como porque achando-se proxima aquella l calidade d'esta capital, e sendo o *commandante superior da guarda nacional d'aquelle municipio* de INTEIRA CONFIANÇA, para de prompto prestar a qualquer exigencia o auxilio de forza sob seu commando, torna-se dispensavel a presença de um destacamento alli.

—Bem achado! De sorte que por ser o *commandante superior de inteira confiança*, pode prevêr qualquer emergencia momentanea que se dê.

—Aqui na capital, briga-se, espanca-se a qualquer hora, procura-se um soldado e não se acha, na Cachoeira e S. Felix, a inteira confiança do *commandante superior* é bastante para superar qualquer difficuldade!

—A policia deu provas de summa impericia.

—Não diga.

—Ella que manda com a maior fanfaronice, arrancar dous estudantes de suas casas, sem motivo anda com elles de Judas para Pilatos e depois solta-os; consente que no mesmo instante mais de 200 estudantes saiam da porta da repartição da policia e vão em grupo disprestigiar e insultar o director do lyceu!

—Fortes cousas da nossa terra!

LA VAE VERSO.

VERDADES PURAS

Mulher velha, que s'enfeita,
Que d'espartilhos se cin ge,
Que os cabellos brancos tinge
Para a velhice occultar
Aos olhos de todo o mundo,
Inda intenta se casar.

Advogado que diz
Que seu officio não rende,
E um só reu não deffende
Para ganhar os *melões*,
E' porque, pobre, não sabe
Nem fazer umas *razões*.

Camarista, que não ganha,
Antes diz que só tem damnos,
E que findos os quatro annos
Trabalha—qual fura bollo
Para ser de novo eleito;
De certo não é por tollo.

Director de qualquer caixa,
Que á ella tem muito apêgo,
Que do goso deste emprego
Aos companheiros enxota,
E' porque monopolisa,
• Lucra nisto, é agiota.

Logista, que muita gaba,
E louva os generos, que tem,
Que melhor do que ninguem
Aprêgoa e diz vender,
Quer empurrar seus alcaldes;
Quer delles livre se ver.

Boticario, que mettido
Na botica todo dia,
Poucas receitas avia,
E quer vender a botica;
Ou é por não ter drogas,
Ou as drogas falsifica.

Politico, que de fallar
Não sei como não s'esvae,
Que louva a seita que cae,
Guerreia a qu'está de riba;
Calla-se muito depressa,
Se dão-lhe alguma moxiba.

Bacharel, que não deseja,
Apenas chega formado,
Sahir logo deputado
Para fazer sua estréa,
E' porque ligar não sabe
Nem ao menos uma *idéa*.

Rapaz, que dado as egrejas
Nos peitos leva a bater
Para um vivo exemplo ser
De completa pudicicia,
Traz no rosto a hypocrisia,
No coração a malicia.

Candidato, que nas luctas
Eleitoraes sendo novo
Inculca-se muito do povo
O mais dedicado amante,
Quer grimpar p'ra depois delle
Não lembrar-se um só instante.

Negociante, que apenas
A transigir principia,
Dá partida todo dia,
Anda em carrinhos mettido;
Dá breve em *vasa-baris*
E fica logo fallido.

Á PEDIDO.

—O que quer dizer isso?
V. hoje vem fora do seu estado habitual.
—Trago-lhe noticias de um importante
personagem, de quem V. Ex., aposto que
não se lembra.
—Algum heróe da campanha actual?

—Qual!
—Então quem é?
—O La Pommerais brasileiro.
—Éta! Esse *intrepido*, disseram-me que andava por ahí.
—Internado para as bandas da paulicea.
—Mais então?
—A cousa é resumida; cifra-se na morte *inesperada* de um ricasso, legando a fortuna a seu medico e ficando sua viuva em pobreza.
—Bom! Averiguaremos isso depois.
Aquelle Dr. *Ceró* sempre é feliz nestes arranjos.

—Capitão, venho implorar a valiosa protecção de V. Ex. para mim!

Por Maria Santissima eu lhe peço, porque só de joelhos á seus pés talvez possa obter de V. Ex. o que quero.

—Levante-se, minha senhora! Os joelhos da creatura só devem curvar-se a Deus!

Diga o que quer.

—Capitão, eu tenho uma casinha na Jaqueira, ja quasi toda deteriorada; onde moro junto com um filho alienado que tenho e para eu poder subsistir-me com elle, recorro a charidade publica, que não desampara ninguém. . . .

—Já sei; quer alguma esmola?

—Não, capitão; é cousa ainda mais meritória que uma esmola, que venho implorar de V. Ex.

—O que ha mais meritório que uma esmola?

—A esmola é meritória; mas é quando se sabe dal-a e não como se dá hoje.

Pedro querendo passar por liberal ou virtuoso, espera que Paulo esteja presente para fazer esmolas, afirma de que tenha uma testemunha, para amanha dizer:—*Pedro é um homem charidoso, um homem cheio de virtudes!*

Não segue por conseguinte o que disse Jesus-Christo:—*O que fizer tua mão direita, vê que a tua esquerda não saiba.*

—Tem razão! Vamos a conclusão do que a traz aqui.

— Mas agora foram os meirinhos em minha casa intimar-me para pagar as decimas da casa, e eu dizendo que não tinha dinheiro para comer, como poderia pagar decimas, disseram-me que então minha casinha tinha de ir á praça, si no praso de oito dias não pagasse!

—Que paiz, meu Deus!

Imposto sobre imposto!

Paga quem tem e paga quem não tem!

Venha o dinheiro, embora com a lagrima da viuva ou com a prostituição da donzella!

Como chama-se a senhora?

—Maria Izabel da Conceição, uma criada de V. Ex.

—Vou officiar a S. Ex. o Sr. barão de S. Lourenço, certo de que elle attenderá as lagrimas de uma pobre e infeliz mãe que lhe impetra a graça de mandar perdoar-lhe do imposto de decimas.

—Não pode mais familia nenhuma chegar na janella, aqui na ladeira do Alvo.

—Crearam alguma lei prohibindo?

—Não é lei, são aquelles moços que se põe debruçados ali na janella, onde estão aquellas moças á beijal-as!

—E o que faz o dono da casa que não os faz aprender a *contra-dansa* do cacete?

—O homem, coitado, não sabe de nada, sabe de manhan para seu trabalho e entra de tarde.

—E o irmão ainda não viu isto?

—Elle tambem sabe de manhan com o pae, para sua repartição e entra ás quatro horas da tarde.

—Eu estou que si o irmão soubesse, era capaz de dar uma *filetada* na cabeça d'aquelles patifes.

—Quando o *Vianna* vir isso, elles estão *atrapalhados*.

—Sr. Dr. Cravina, preste contas do concerto da casa, pois se tem gasto vinte contos de réis, sendo seus moleques apontados na folha como officiaes, a cinco patacas diariamente. Assim como a madeira velha que se tirou da obra está em deposito ou foi para sua casa?

Responda, meu sabidão, mais o seu socio que deixa passar a comedilha sem punição até a finança.

Aonde está a sua probidade, capacidade e vergonha? N'alma do Lucas da Feira.

Seu respeitador
Bollo Fofa.

ANNUNCIOS.

CASA DE SAUDE

DO DR. JOÃO BOLLAS TRAPASSA.

Mora no becco da Vida,
Logo ao virar da esquina,
Em uma casa queimada
Por cima d'outra cahida;
Pode-se entrar sem receio
No numero cento e meio.

O Dr. João Bollas Trapassa, participa ao respeitavel publico que tem aberto a sua casa de saude, onde dá consultas continuamente das 9 horas até meia noite.

Cura perfeitamente as molestias de unhas e febres inconsequentes. Aos pobres de graça, no caso que morram e aos ricos conforme o dinheiro que tiverem. Quem duvidar adoeça.

Mappa dos doentes que no curto espaço de 15 dias tem sido curados.

D. Jesuina, moça branca, de idade 19 annos, filha do lavrador João Felix, da Fazenda Grande, estando á morte, de umbigo vazado, a ponto de estar já de vella na mão, tomou uma solução de *maranha*, entrou logo a arrotar, e em dous dias e meio ficou restabelecida, de maneira que está contractada para casar nestes oito dias com o filho do Manuel da Serra.

Bonifacia, parda velha de 80 annos, do engenho do Exm. barão das Pulhas, desenganaada, ha seis mezes, de espinhela quebrada e rins cahidos, tomou um laxante de *imposturitis* e ficou boa, de sorte que já está mettendo *canna na moenda*.

Damião, preto ussá, de 60 annos, do mesmo engenho, nasceu com a lingua pegada e só se sustentava em mingan; tomou uma dose de *patranhas* e ficou perfeitamente restabelecido, a ponto de que é quem tira o terço á noite no oratorio da enfermaria.

Felismina, creoula de 30 para 40 annos, de lobinhos no utero, tomou injeções de *pabulitis* e logo depois pariu mabassa e os filhos estão se creando.

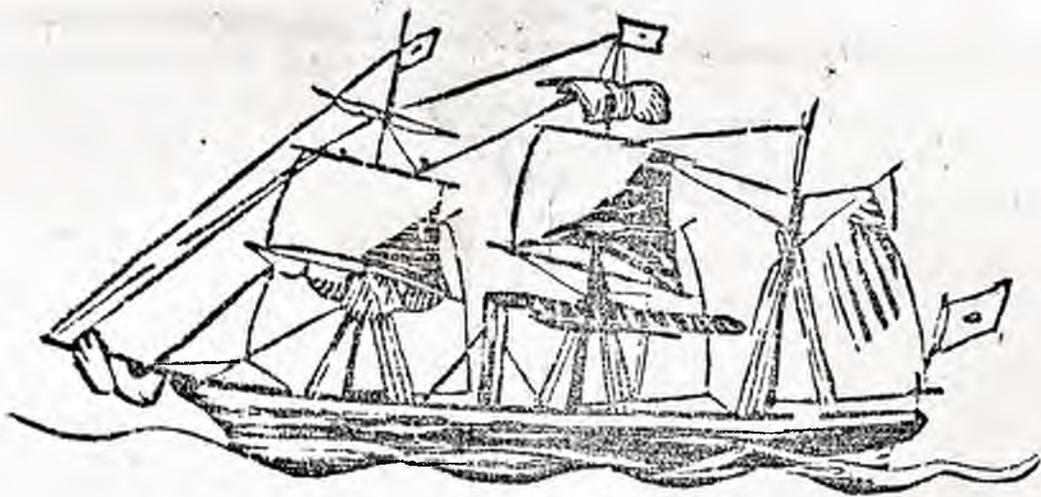
Antonio dos Santos, boleeiro velho, com mais de 70 annos, quebrou da verilha esquerda, mas tomando só meia onça de *bolotroquin*, soldou as partes e não só monta á cavallo, como amança burros bravos.

Eusebio, cabra, doente a sete annos, sem poder obrar, a ponto de tomar meia canada de oleo de ricino e não ter nem puxos, tomou tres clisteis de *borratina*, entrou logo a operar de tal forma que para o medico poder estar no quarto, foi preciso queimar meia arroba de alfazema.

Philippa do Amor Divino, parteira de Maragogipe, de mais de 90 annos, doente a tres annos de verrugas no bofe; com duas doses de *patetina*, acha-se boa completamente.

PARA QUEM SOFFRE DEBELIDADE NO ESTOMAGO.

Receita.— Peguem-se em dois pombos bem gordos, pendure-se-os na janella da cosinha, de maneira que as sombras delles dê em uma panella que contenha oito libras d'agoa; deixe ferver lentamente durante 24 horas e dê-se por alimento ao doente uma colher de sopa todos os dias em um copo d'agoa antes do almoço.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 42.

Preco d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

15 DE OUTUBRO DE 1868.

N. 420.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama
14 de outubro de 1868.

Não houve expediente.

—Os policias desta terra são pau para toda obra.

—O elogio abona muito.

—Tanto servem para acomodar como para fazer disturbios.

—São viventes como qualquer de nós.

—Um dos ordenanças do chefe, de nome Leitão, assentou em seu peito de entrar a viva força em casa de uma mulher á rua do Castanheda. A praça porem estava guarnecida, e elle depois de um formidavel berreiro, teve de bater em retirada, rechaçado por duas possantes cacetadas com que lhe corresponderam um invalido, que guarnecia a fortaleza.

—Para isso não é elle invalido.

—Mas como o pau sempre quebra não sei aonde do fracço: a pobre mulher que nenhuma culpa tinha é quem foi para a correção, embora o soldado esteja no hospital soffrendo as consequencias da *borracheira*.

—Está direito; assim mesmo é que deve ser.

—Incommensuravel, excelsa, sublime, augusta e magestosa, é a charidade parochial de alguns vigarios.

—Safa! Que cousa tão cumprida!

—E a prova é esta:

Na quinta feira, foi uma pobre mulher pedir a um destes, pelo amor de Deus, uma guia para enterrar uma filha.

Não posso, por que disto é que eu vivo, foi a resposta.

—Eu acho muita razão, por que elles tem as mesmas necessidades que nós; sustentam familia, educam filhos, etc.

—Não diga assim. A religião de que elles são ministros lhe ordena preceitos muito diversos.

—V. ainda é deste tempo?

Ora va catar castanhas que é melhor.

—Ainda é cedo, os *cajueiros* estão em flor.

—Foi uma verdadeira festa! Illuminação, foguetes, feiras, botequins, palanques, e etc.

—So faltou os cavallinhos para ser completa.

—E o Fausto que esqueceu-se de soltar alguns ballões!

—Opipara meza e bom falerno não faltou.

—Isso não se falla. A gente é da seita da barriga.

—E por isso é que eu gosto delles; ainda não vi reunião conservadora que não tivesse cousa de intripar.

—Gravidade presidencial:

«Bebamos pois, meus senhores, á prosperidade desta terra, á saude de todos os presentes, que aqui se reuniram na esperança de a promoverem, sustentando seu administrador.»

—Bonito! bonito! Para rematar a obra deviam cantar o *papagaio*.

—Vamos a rua da Independencia?

—Fazer?

—Ver a moça Paulina, de idade 16 annos, que está com o diabo no corpo.

—O diabo é V. mesmo, meu bobellas.

—E' bom ver, para crer.

Dizem que o espirito maligno encarnado no corpo dessa virgem, denuncia cousas incognitas, descobre segredos maravilhosos, e faz proezas de paşmar.

—Bugiarias, rapaz.

—Que Malachachias, por exemplo, ouviu no queixo toda sua chronica, onde avulta o defforamento de tres afilladas e a seducção de uma casada. Um sacerdote tido como respeitavel, foi accusado pelo rei das trevas de viver em contacto peccaminoso com a *propria filha* de sua *comadre*; um sujeito filho da *Bahia*, de um facto escandaloso; um cujo do Jogo do Carneiro de um procedimento horroroso em relação a irman.

—O diabo no corpo de uma virgem! Muito pode a estupidez, acoroçoada pela inercia da policia, que consente que uma pobre moça esteja exposta as provações e experiencias fanaticas de uma turba ignorante.

—O caso é que dizem que o demonio fôra em um dedal de prata mandado por uma sinhá Zepherina, da rua do Bangala, com cujo sobrinho estava para casar e que a *mi-longa* fôra arranjada no *Bate-folha*.

—Rapaz, creia em Deus. Tudo isso é patifaria em proveito dos especuladores.

—Safal! Que tres comilões!

Sentaram-se na mesa e so se levantaram as quatro da madrugada!

—E um delles sahio ja dia claro, cambaleando, com as calças empastadas de chocolate.

—Antes sustentar um burro a pão de ló, do que tres alarves daquelles a capim.

—Conhece os taes *devora*?

—Homem, o do rico fardamento tem um 5 no bonet; li no do outro uns 3 e o ultimo não sei.

—Cousas do mundo! Para uns tanto; para outros nada. Em quanto elles mettem o queixo na gostosa sororoca, os pobres me-

niños artefactos não acham nada para roer e se querem fortalecer o estomago, tomam por seu barato e vão ao botequim do Meirelles intripar o mocotó á expensas do director.

—Neste caso os do 8.º foram mais felizes porque tiveram as *sobras* no outro dia.

—Hoje é dia de grande galla?

—Não.

—Que novidade é essa então? Espera-se algum principe?

—Porque?

—A policia mettida nos pannos de ver a Deus.

—V. anda de outiva.

Então não sabe que hoje é o anniversario natalicio de S. Ex. o Sr. barão de S. Lourenço e que o commandante, em signal de respeitoso regosijo, ordenou que o batalhão mettesse o fardamento rico?

—Bem, bem, cada um se presta com o que tem.

—Então na Sé ha chapa liberal de artistas?

—Não me consta.

—Digo eu que li no *Diario* e no *Artista*.

—Estão elles bem servidos.

Uma combinação de artistas, sem cor politica, com o fim unico de dar importancia á classe, era uma boa ideia, e talvez fizesse alguma cousa; mas nas actuaes circumstancias, chapa de artistas com o nome de partido, dizem logo que é uma especulação dos que estão de baixo que querem mettel-os para *frente*.

—Eu como não metto o pé na ratoeira; quem quizer que caia.

—A *Bahia Illustrada* diz que o serviço das patrulhas é feito com irregularidade.

—O que eu não contesto.

—Que percorre-se a cidade sem encontrar se uma patrulha!

—Menos na freguezia da Sé, onde actualmente, graças aos esforços do Sr. Freitas, subdelegado em exercicio, ha sempre de quatro a cinco patrulhas composta de 15 á 20 homens, sendo elle o principal rondante, porque as acompanha até meia noite.

Digo isto por ser testemunha ocular.

—Eu lhe creio piamente.

—Pois então, direito, direito; quem engana ao outro é judeu.

—Sabe que fica decretado de hoje em diante que os anniversarios dos presidentes serão considerados dias de festas nacionaes?

—Não pilherie!

— Tanto é assim que a camara municipal que so se illumina por motivos de regosijo publico. poz-se a todas as luzes com o baile do Sr. barão de S. Lourenço.

— Procure o meio do mundo e enganche-se nelle.

Pois porque na camara houve quem quizesse render sua *homenagem* ao presidente, segue-se que quando elle fizer annos, é dia de grande galla!

Tambem a Santinha se está solta, era bem capaz de illuminar a parte da camara que ficou vazia de feiras e botequins.

— O caso é que eu estou vendo cousas que nunca vi.

— E peça a Deus vida para ver mais.

— Quando o Sr. Bonifacio dava destes des-pachos, não me admirava; mas uma cabeça que é um armario de sabedoria, cujas prateleiras estão atupetadas de experiencia!

— Aqui não admitto analyse aos actos superiores.

— E nem eu me metto nisto.

— Então é metter a lingua na bocca.

— Apenas admiro a *força de espirito* da seguinte peça:

« João José Sant'Anna, professor da cadeira de primarias letradas da povoação da Encarnação, termo da Pirajubia, pedindo 2 mezes de licença com vencimentos para tratar de sua saude.— Espere o supplicante pelo tempo proximo das feiras!!!.»

— Não tem nada de que se admirar; o que hade mais ahi é o sujeito dizer á molestia que páre em sua marcha para se desenvolver quando chegarem as ferias.

— Esta agora tambem é que é mesmo de Bertholdinho.

Á PEDIDO.

CARTA AO CAPITÃO DO ALABAMA.

Meu charo capitão.— Dirá V. Ex. que eu não passo de um reverendissimo massante. que se vivo procurando motivos para massar-lhe a paciencia, abusando assim de sua bondade.

Mas não ha remedio se não arrumar-lhe mais esta . . . remessa, bem entendido.

Vendo eu o *corpo dos permanentes* durante todo dia de sabbado em uniforme de grande galla, e como ignorasse o que queria aquillo dizer, perguntei á um *vermelho* e este respondeu-me:

« Quando faz annos o senhor, os *escreavos andam lords!* »

Então com esse dito do tal *vermelho*, foi que eu cabi na cousa e fui á folhinha ver o santo que se festejava naquelle dia, e deparei

com o *santo dos ventos*, o qual festejaram durante á noite, com toda pompa.

Houveram botequins, feiras e o homem *carrascoso* la esteve com a sua *marmola*.

Não ficou um só carro na companhia da *bomba-macha*, pois todos queriam mostrar-se.

Ao entrar da *capella* fizeram um jardim ornado de odoríferas flores e havia uma banda de musica que tocava a todas as senhoras que entravam para fazerem suas *orações ao milagroso santo*; no *largo*, em frente a *capella*, havia um palanque com uma outra musica de pessoas *menores em artificios*, que tocava para deleitar os *pagãos*, isto é, os que não entram no *gremio da egreja*. . . .

Como fallei em *pagãos*, entendo que lhe devo explicar, afim de os não confundir com os *baptisados*.

São *pagãos*, aquelles que não querem o governo despota; são *pagãos*, aquelles que querem o direito de egualdade; são *pagãos*, aquelles que querem a prosperidade de seu paiz; são *pagãos*, aquelles que são contra a escravatura; são *pagãos* aquelles que não adoram a *falsos idolos*, etc., etc.

Mas deixando de parte o *paganismo*, passo a historia da festividade.

Uma outra musica esteve em um salão logo ao subir-se a *capella*; a qual tocava quando por alli passavam as *devotas*.

Ao principiar a festividade, subiram ao ar *quatrocentas duzias* de foguetes e um balão com uma roda de fogo que soltava engraçadinhas bixinhas para baixo, tudo isto devido ao *fausto* da função.

Compareceu gente de todas as cores, brancos, amarellos, azues, encarnados, cor de rosa e até um sugeito verde de chapau de sol debaixo do braço; excepto eu que sou *pagão*, infelizmente!

Ah, si eu pudesse metter o queixo naquelles pirões.

E quem sabe se ainda mesmo eu sendo *baptisado* poderia *manducar da cousa*?

Os pobres musicos tocaram á ficar com a barriga agarrada no espinhaço e não hederam nem um copo d'agea, coitados.

Os *menores artificiosos* para distrahirem-se e disfarçarem a agoa que lhes vinha a bocca, compraram seus roletes para chuparem!

Larguemos os musicos e vamos ao que serve, porque esta gente não precisa comer, basta que sustentem-se do ar que esgotam no sopro.

A Santinha, não obstante estar passeiando na fazenda correccional S. Custodio, na ilha das Aves que comem mamão, mandou illuminar a frente do seu *palacete*.

Foi, meu charo capitão, uma função de

gosto, como V. Ex. deve ver pelo que acima fica dicto.

Houve botequins e feiras
Para o povo distrahir;
Houve muitas chuchadeiras,
Destas mesmo de cabir.

Houve maguinhas, foguetes
Que subiam para o ar.
Muitos carros pelas ruas
Prohibindo se passar.

«E o tempo passou-se
«De todo esquecido,
«Zombando do velho,
«Mulher e marido.»

«E ao som da folia
«A musica batia,
«Em tom tão gostoso,
«Que o velho dengoso
«Só dansar queria!»

As quatro e meia horas da madrugada de-
ram por finda a festividade e cada um foi pa-
ra sua casa dormir.

E eu tambem dou por finda esta minha e
aqui fico

Como já deve saber,
Meu valente capitão,
Lhe guardando o cumprimento,
Para outra occasião.

O Faustoso.

—Muxingueiro, embarca na lancha do
Roberto e vae a freguezia do *Oilavo*, buscar
o salabardote *Gustavo*.

—Não é preciso, que elle está na terra, ca-
pitão.

—Pois tras-m'o aqui.

—Eil-o, capitão, pode interrogal-o.

—*Reverendissimo*, para onde foi a *yaya*?

—Não sei quem é, capitão.

—Ah! V. agora só conhece a Adelaide e a
Marocas, que estão na sua graça.

—Nenhuma, Sr. capitão.

—Hypocrita! Muxingueiro dá uma untura
de casca de vacca neste devasso e depois vae
desmanchar-lhe o serralho que elle conserva
a titulo de padrinho.

—Ah, Sr. capitão, não me faça perder as
honras de conego que Sr. barão me promet-
teu no primeiro vapor.

—Honras? So nesta epocha degenerada tu
as alcançarás; tu, a deshonra de tua classe.

Muxingueiro cumpre as ordens.

—Não lhe dê cuidado, capitão.

—Capitão, venho desabafar minhas ma-
goas.

—E eu prompto a ouvil-o.

—Então escute-me.

Acha-se em execução em todo seu rigor a
lei dos cavallos.

—Espero lá, meu charo; V. quer zombar
de mim? Os cavallos já fazem lei nesta terral

—Não Sr. Eu quero dizer, a lei da assem-
bléa provincial, que impõe 10\$ rs. e outro
tanto de multa, a quem andar a cavallo,
ainda mesmo morando fora da cidade uma e
mais leguas.

—Comprehendo. Pode continuar.

—Por mais que o queira, não me posso
conter á respeito dessa lei iniqua e revol-
tante, parto de inexperientes, pela clamorosa
injustiça que della resulta a uma parte deste
povo soffredor e tolerante.

Não levanto minha fraca voz contra a de-
cretação de impostos, porque queira fugir
á essa obrigação, não; pois reconheço que
outro recurso não ha para o legislador,
quando as circumstancias do paiz o reque-
rem; devendo todo o cidadão prestar-se á
elles, como uma necessidade publica, quan-
do justos e razoaveis. Si o faço é porque
a imposição de que se trata sobre não ser a-
certada, é injustissima e desigual por não
fazer excepção alguma.

Ha nada mais barbaro do que obrigar o
homem decrepito, que por economia da vida
procura morar duas leguas e mais fora da
cidade, ao pagamento annual do pesadissimo
imposto de 10\$ rs., pela necessidade abso-
luta que tem de possuir um sendeiro de pasto
do valor de 50 ou 60\$ rs. para sua monta-
da, no dia em que necessita de dirigir-se á ca-
pital para tratar de seus interesses, por não
poder fazel-o a pé, em um paiz como o nosso
em que faltam todas as commodidades?

Por ventura o pobre roceiro está nas con-
dições do homem rico, que tem cavallo de
subido valor, dentro da cidade, para passeio
de mero luxo, aos domingos, o que constitue
um regalo da vida?

Estará tambem nas condições desses que
os tem em cocheiras, para alugar, negocio
que dá avultados interesses?

—De certo que não.

—Entretanto os authores dessa monstruosa
e desigual peça, julgam que fizeram uma cou-
sa muito boa!

—Ao menos por equidade, deviam atenuar
essa imposição á respeito dos moradores dos
suburbios, comparando o cavallo de aluguel
com o de um pobre matuto, que o tem para
uso particular.

—Para não fatigar a V. Ex. faço pausa
aqui, pedindo permissão para voltar com
mais vagar.

—Quando quizer.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo'quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 43.

BAHIA

16 DE OUTUBRO DE 1868.

N. 421.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
15 de outubro de 1868.

Officio á direcção da empreza de Vehiculos Economicos, reclamando contra a intoleravel e deshonesta assuada praticada pela caterva de insolentes moleques, que se encarpita nas diligencias da linha da Victoria, quando estas voltam daquella localidade. Sendo semelhante procedimento uma falta de respeito á moralidade e decencia publica, espera-se que a illustre direcção tome providencias a respeito.

—Capitão, um facto barbaro, iniquo, detestavel.

—Oque é, homem? Não me faça arripiar os cabellos.

—E' que n'esta terra, pelo geito que leva, o direito é do mais forte, que a seu capricho, toda vez que entender, pode torturar, massacrar o fraco.

—Não me esteja a martellar a curiosidade, diga logo o que ha de novidade.

—A impunidade!... a impunidade!...

—Peior!...

—Irra! que pressal
Pois ouça:

Hontem apresentou-se na subdelegacia da Sé a africana liberta Lucrecia, moradora ao Caquende, em estado que inspirava compaixão e dó.

—Coitadal a razão?

—Ella é quem conta:

E' liberta desde 1863 por 1:350\$, que deu por sua liberdade, como consta da carta que apresentou; na quarta feira, recebeu um recado pelo moleque Tito, de sua antiga senhora D. Florentina Alves Guimarães de Abreu, moradora ao Terreiro, para que lhe fosse fallar. La chegando, perguntou-lhe a senhora porque andava fallando mal da casa, e quando ella desculpava-se, apresentou-se seu passado senhor moço Antonio de Abreu, arrolhou-lhe a bocca e lacerou-lhe o corpo a salto de botim e cacote, fazendo-lhe sevicias atrozes, que vendo-se é que se pode avaliar. A ourina que deita é sangue puro.

—Que ferocidade!

—Parece que vivemos n'uma terra de canibae! N'um dia por outro a reproducção de um facto de crueldade e prepotencia, indignos da civilisação e moralidade desta terra! Um insulto a lei, um attentado contra a segurança individual!

—O que eu não concordo é que haja effeito sem causa.

—A causa, dizem que se originara por ter sido vendido para a guerra um filho da offen-

dida e que ella sentida, como mãe, se queixara.

—Não era motivo para tanta barbaridade.

—Depois de a judiarem á saciar, despediram-na ameaçando matal-a, se fallasse.

—A justiça está em boas mãos; esperamos pelo desagravo da lei.

—Ah, maldicto gallego! Quasi leva-me o espinhaço!

—E torna-se insolente, ainda em cima!

—E' para ver como anda tudo á matroca.

—Em logar do bruto puchar o animal, seu parceiro, pelo cabestro, dá-lhe tamanhas bordoadas com um grosso cacete, que o pobre bicho para fugir ao castigo, desembesta e vae dando encontrões.

—E aquellas indiabradas barricadas de *pão hygienico da padaria de S. Miguel*, que elle conduz, esbarrando em quanto pobre vivente vae andando desapercebido!

—Além de ser uma brutalidade maltratar os animaes, o encommodo a que está exposto o publico!

—E o mais insupportavel é o attrevimento com que em cima se porta o brutal gallego.

—Moderação e justiça, equidade a toda prova.

—Descubra lá essa iguaria.

—Aprecie:

«*Requerimento despachado no dia 24*—Domingos Barbosa de Mattos, recrutado na villa do Inhambupe para o serviço do exercito, pedindo 15 dias de praso para provar sua isenção.—*Não tem logar.*»

«*Despacho no dia 29*—Cypriano Barbosa, guarda nacional do batalhão n. 49, pedindo 20 dias para provar a isenção que tem do serviço do exercito.—*Prove independente de praso.*»

—Arrengo desta equidade.

Isto assim chama-se santo para um e diabo para outro.

—O delegado do Urubú requisitou ao chefe de policia 30 praças para garantir a liberdade do voto.

—Isso não admira, o que faz pasmar é a sem cerimonia com que mandam publicar tão deponente bambochata.

—Deve andar bem servida a justiça em mãos de uma authoridade que officialmente se declara partidista e abusa da posição para insultar torpemente a seus adversarios.

—Depois que a policia nocturna é feita á vapor, parece que anda mais atrasada.

—De maio a abril não ha o que rir.

—E mesmo que não faz bom appetite a

um pobre operario, que grama 8 e 12 horas de fatigante trabalho, em logar de ir descansar, andar feito pateta a encher as ruas de pernas até meia noite, quando os empregados publicos, bachareis, medicos e mais comitante caterva, recusam-se obstinadamente.

—Vire folha, que, isso é sabido; ha até bigorrilhas que dizem que estão de *purga*, quando os vão avisar.

—Para a cara delles, malcreados; nesse dia podem economisar a despeza de casa.

—Alma ruim é que faz visagem.

—E o principio da conversa ficou no tinteiro?

—Ah, sim; uma mulher, que, em uma noite destas, andou como possessa, de porta em porta, pela rua do Bangala, fazendo uma ber-rada dos seiscentos.

—Alguma douda?

—Por dinheiro.

—Ebria.

—Tambem não.

—O que era então?

—Queria accordar todos os moradores, para verem que naquella rua lhe estavam des-casando a filha.

—Isso é curioso!

—E com effeito, tamanho *perry* fez a tarasca da sogra, que não so todas as janellas se abriram, como o delambido genro sahio lampreiro e cynicamente de casa de uma viu-va, onde estava conversando.

—E no meio de tudo isso a policia não deu de si?

—Quem disse! A pobre moça é quem pagou a imprudencia da mãe, por que o peze-ta do marido desabafou-se em dar-lhe cou-ces e ponta-pés sem conta.

—Que safado, que biltre!

—E a cara dura com que elle no outro dia apresentou-se naquella rua!

—V. conhece-o?

—*Está aqui o retrato d'elle, que apanhei.*

—E' um *livreiro*.

—Aqui qui!

—Isso é uma creatura despresivel.

—Não tenho nada com isso, so lhe quiz dizer, que actualmente nem que se brade por el-rei de França nestas ruas, a policia faz-se surda.

Á PEDIDO.

—Capitão, sou inimigo de arbitrariedades.

—Procede como um cidadão, que sabe respeitar a lei.

—E por isso desejava que o Sr. Dr. chefe de policia mandasse averiguar um facto

iniquo que me consta se dera no dia 12 do corrente.

—Onde e como?

—Lá vae tal qual me informaram.

O subdelegado de Cotegipe, chamou a Leonardo Ferreira, guarda da reserva, aleijado de uma mão, morador no 2.º quartirão e ordenou-lhe que fosse ao Coqueiro levar uma portaria ao inspector Eusebio; o homem, apesar de ter consciencia de que não era official de justiça ou ordenança, com tudo prestou-se ao mandado do subdelegado e entregou a portaria, da qual não obteve resposta.

Encontrando-o o subdelegado na venda de Manuel de Jesus ao Engenho Novo, e perguntando-lhe bruscamente porque não lhe levava resposta, respondeu que nenhuma resposta tivera e por isso não lh'a levava. Mas elle, exasperado, disse que era uma falta de cortezia para com a authoridade. e que era obrigação ir participar-lhe que tinha cumprido as ordens, ao que o homem lhe observou que não era obrigado a isso, porque se prestara de ampla vontade.

Bocca que tal disseste!

A authoridade susceptivel, espumando de raiva, prendeu o pobre homem, depois de chamal-o bandalho, patife e tratante e mandou-o para a Sapucaia mettel-o no tronco.

Recusando Leonardo sugerir-se a tão aviltante castigo, sem commetter crime, disse-lhe o subdelegado, que ou elle mettia o pé no tronco ou lhe quebraria os ossos á pau e em acto continuo apresentaram-se preparados de paus, Thomaz, escrivão da subdelegacia, o ordenança Anselmo, João e Clementino.

Vendo-se o misero nestes apertos, sujeitou-se por amor á sua pelle e jazeu no tronco sete longas horas, findas as quaes, foi solto, dizendo-lhe seu algoz que agora fosse trabalhar contra elle nas eleições.

—Tudo pode ser, principalmente ali por fora, onde qualquer quidam é authoridade.

—Que o facto da prisão é real, não padeeç duvida, porque estou informado por quem de lá veio.

—Vamos a ver agora o que faz o chefe de policia.

CARTA AO CAPITÃO DO ALABAMA.

Meu charo capitão.—Esta que lhe encaixo é contando-lhe o excellente *sermão* de frei Francisco; vae para V. Ex. apreciar, e abaixo encontrará seis quadrinhas sobre o *sermão*.

Eis pois a maneira porque elle se esprement:

«*Fieis!*—Ha dezoito annos, nesta mesma *capella*, recebeu uma egual manifestação dos *fieis devotos* este *santo*, pelos *milagres* que fez,

e continua a fazer hoje, como sois testemunhas.

N'este grande favor de hoje, *fieis*, o que me enche de maior orgulho é ser *chefe sacerdotal* das mesmas *crenças* vossas!

Como isto deve ser lisongeiro n'esta mobilidade de opiniões, na degeneração do tantos caracteres!

No desempenho dos meus deveres sacerdotaes, angustiado vou encontrando resistencia desesperada nos que abusam das *sanctas* attribuições que são conferidas ás *authoridades* das *crenças*, querendo os *infieis*, isto é, os degenerados, governarem a *capella* em nome do *gremio*, quero dizer, da *egreja* das nossas *crenças*. Mas sabeis porque tudo isto apparece?

E' por causa da venenosa *cunha*; é por causa da injuria, dos doestos e da calumnia que abundam no caminho de freneticas ambições.

Nem todos os *fieis* são habilitados para repellir o veneno de taes aggressões; nem me resta tempo de as esclarecer, porque assim desvio-me dos trabalhos da administração da *capella*, tomando parte em lucta tão desigual e repugnante.

Em tempo opportuno e proprio obtorei sobre os detractores o mais completo triumpho para a satisfação da sociedade.

Fieis! Desde 1853 até agosto de 1868, 15 annos, concentrei-me na vida privada, soffri os infortunios da sorte, sem que um acto meu, um escripto, uma palavra provocassem represalias, ou ferissem a honra e reputação dos inimigos da *egreja*.

No *pulpito*, e só nelle combati o desrespeito que praticavam os *pagãos* dentro do recinto da *egreja*, erguendo as vozes para bradarem contra as nossas *sanctas crenças*.

Agradeço pois, carissimos *fieis*, o terome ouvido fallar contra a calumnia e desviamento de alguns *infieis* da *egreja*. Agradeço este numeroso concurso, e cheio de ufanía agradeço ás bellas damas *devotas* do *milagroso sancto dos ventos* e rendo humildes graças para que sejamos *coroados* de *flores*, o que eu para mim e para todos desejo.»

«O *sermão* de frei Francisco na festa do *sancto dos ventos*.

«Houve dentro da *capella*,

«Um excellente petisco,

«Para os devotos que ouviram

«O *sermão* de frei Francisco.

«Uma devoto deste *sancto*,

«Cahiu de nariz no *cisco*,

«Porque sahio enjoado,

«Do *sermão* de frei Francisco.

«Um frade ficou zangado,

«Com um homem lá do *fisco*,
«Por ter mettido uma *cunha*
«No sermão de frei Francisco.

«O diabo transformou-se,
«Dizem, em *gato marisco*,
«Para roubar os papeis
«Do sermão de frei Francisco.

«Qual é o homem que deixa,
«Embora seja *martinsco*,
«De ouvir com attenção
«O sermão de frei Francisco.

«Esteve um moço na *capella*,
«Cujó nome d'aquí risco,
«Que sahíu encaifado
«Com o sermão de frei Francisco.»

No mais aqui fico

Como um velho dengoso
Assigno-me de V. Ex.
O seu amigo

Faustoso.

Roga-se ao S. *pinta gente* na ladeira da *Immaculada*, que por S. José ou por Santo Antonio deixe de praticar tanta immoralidade, quando está na janella com sua cunhada, principalmente no sotão, que é o *couto* de sua depravação.

A' inclita Santa *Ritta* peça na maior contricção que o livre de tão feia balda, pois que ninguem quer ver marmotas sem vontade.

O sino da torre.

(Continuação do n. antecedente.)

—Capitão, voltei.

—Continue.

—No easo da lei dos cavallos está a celebrissima e oppressora que impõe 5 % sobre as roças do suburbio, ainda fora dos limites da decima.

Custa a crer, que na crise actual, em que essas propriedades, com excepção de uma ou outra, estão em completo abandono pela falta de braços que a cultivem, com seus pomares estragados pelas formigas, servindo apenas de morada a seus donos, que procuram esse recurso, em razão do alto preço dos alugueis das casas dentro da cidade, impossibilitados mesmo de poderem conservá-las por lhes ser difficil pagar 1\$ rs. a um trabalhador, muitas vezes preguiçoso e mau; custa a crer, dizia, que para roças assim depreciadas e sem valor algum, os legisladores do progresso se lembrassem de crear um onerosissimo imposto sobre ellas, sem que uma

só razão justifique tal procedimento, a não ser o proposito ou gosto impensado de crear tributos á torto e a direito para massacrar cada vez mais a este povo infeliz.

—E ao passo que assim procedem, inculcando-se de zelosos das rendas provinciaes, abrem os cofres publicos a escandalosas condescendencias e afilhadagens, esbanjando-se largamente pelos protegidos o suor do povo com pagamentos fora de tempo e outras sinecuras.

—E não lhe pareça. O proprio cofre municipal, não ha muito, foi victima de uma dessas *indulgencias* ao filhotismo.

Por hoje a massada vae comprida e como a benevolencia de V. Ex. m'o permite voltarei amanhã.

(Continúa.)

—V. viu na festa do *sancto dos ventos* o *Araujo Poia*, com o *Argola*?

—Não.

—Pois V. não estava no botequim que havia dentro da *capella*, á disposição dos *fieis devotos*?

—Não fui a essa festividade, porque como V. sabe, sou *pagão*.

—Tem razão, não viu.

Pois lhe vou contar.

—O *Poia* foi para entrar no botequim e empurrou o *Argola*; este disse:

«Não me empurre sobre quem está na frente, pois eu não desejo maltratar á ninguem!»

Poia, o encarregado da festividade, pergunta ao *Argola*:

«Não me conheces, não sabes que eu sou o encarregado de administrar esta funcção?»

Argola voltando-se, observa que *Poia* tem dons pratos nas mãos e pergunta:

«—Quem é V.?

«—Já disse que sou o encarregado de administrar a funcção.

«—Não duvido que seja o encarregado de embolsar parte do cobre adquirido para a festa!

«—Cale-se; antes que mande retiral-o da *capella*.

«—Ahi está no que eu ponho minhas duvidas.

«E de mais, V. com estes dons pratos nas mãos, me tem mais cara de creado do que de outra cousa.»

—Era Bacccho que estava funcionando na cabeça do *Poia*.

—E como funcionou na de muitos que eu lá vi *cambaleando*.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 43.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

17 DE OUTUBRO DE 1868.

N. 422.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama
16 de outubro de 1868.

Portaria ao fiscal geral, dizendo-lhe que deve entrar com 2\$ rs. para o cofre da municipalidade, proveniente da multa, que deve impôr, por infracção da postura n. 44, ao dono do cavallo russo, todas as vezes que o cujo o amarrar á grade da casa n. 79, ao becco dos Barbeiros. Cumpra.

- Admiral
- V. tambem de tudo se admira.
- N'uma provincia, onde ha uma eschola de medicina, um inspector da saude de terra e outro do mar, uma recua de medicos do exercito e da armada, além do crescido batalhão dos avulsos, anda-se de *deu em deu* para se fazer um corpo de delicto sem haver quem se queira prestar!
- Dinheiro é quem faz a guerra, meu rico.
- Isso mesmo é do juramento que elles prestam.
- V. não sabe que, lei só se executa com quem não tem posição? Ha um artigo no código, que os sujeita a uma multa, quando se

recusarem. Mas quem é que se atreve a impol-a, quando tudo é louça do mesmo barro?

—Por fallar em corpo de delicto, o da africana Luerecia?

—Fez-se; os peritos arbitraram o tratamento para mais de 30 dias, declarando que podia resultar a morte.

—Não morre não. *A virgem da paz* ha de se metter em tudo isso.

OS MASSANTES.

Alem das doenças que de vez em quando soffremos, alem de perdermos tanto tempo em pagar visitas de ceremonias, e cumprir preccitos de civilidade, alem do tempo que gasta um homem continuamente em lavar-se, fazer barba, cortar cabellos, vestir-se, escrever, arrumar papeis &c. &c., tem de perder immenso tempo em ouvir com paxorra os massantes, que continuamente apparecem a dar secca sem proveito. Apenas pilham um pobre vivente em casa, grudam-se no caxasso do paciente, como sanguessugas, prendendo a attenção do pobre vivente.

Ah! e quantas qualidades ha de massantes!!! é um numero infinito, cada qual mais injoativo, e importuno em amofinar a paciencia do quem por infelicidade os atura.

Ha massantes que levam manhans inteiras a contar façanhas, e valentias para se inculcarem de forçosos; outros em recordar os nomes de seus avós, arrotando fidalguias, e sementes de nobreza, e entre estes ha muitos

nascidos no palacio da roda da misericordia; outros consomem horas inteiras em contar gracinhas de suas erianças, e lembranças talentosas de suas mulheres: com estes menos mal, porque no meio da conversa la escapa uma asneira que faz rir; outros levam a descrever exageradamente a belleza de suas namoradas; estes só a clyster de pimenta; outros em ar de noticias interessantes comecam a contar as crias que as escravas tem parido, os bois que tem no pasto, e os pães de assucar que tem feito, com cincoenta por cento de mais de juro das mentiras. (Estes se parecem pelas costas com os nossos lords Srs. de engenho.)

E que diremos de certos tabareus massantes, que se occupam unicamente em contar historias elasticas de demandas antigas, e heranças atralhadas? Estes tem a virtude do opio, produzem somno em poucos minutos.

Outros da mesma cartilha fomentam os ouvidos da gente á força, descrevendo prolixamente desordens do sertão e acontecimentos defeitiço. Ah! monos! quem vos dera uma sentinella atraz da cadeia em dia de chuva para não andarem perdendo assim o tempo.

E uns taes entusiastas, que querem se intitular influentes do povo, e potencias em eleições!! alem de darem extensas massadas, vendem sacas de parollas, e promessas com titulo de votos: e ainda ha papalvos pretendentes que os procuram.

Ai, ai, ai, que ia nos esquecendo uma qualidade de massantes, sem duvida uma das mais insuportaveis—certos conversadores de boca fedorenta, que, para se fazerem muito explicados e bem percebidos, incostam-se á cara da gente bafejando os narizes com o pestilento aroma de dentes podres; para falar com estes, devemos trazer continuamente uma garrafa de labarraque pendurada no pescoço.

Temos tambem uma chusma de massantes vagamundos, que, por ociosos não tendo em que se empregarem, vão para as lojas e boticas impatar os compradores, e vexarem os donos das casas, tomando lugar e occupando os poucos assentos que ali existem, e ahi se demoram tempo esquecido fallando da vida alheia, e governando o mundo em sêco. Ah boa casa de correção!

Um bom petisco é ouvir-se alguns adula-dores contarem as grandezas de algum amigo rico, que elles tem, principalmente quando o amigo é velho e sem filhos, e por conseguinte promette herança: então tudo quanto diz o velho serve de maxima; tudo quanto o velho come é saboroso, decoram quantas ve-

zes elle passeia, quantas dorme, os lugares onde ouрина, os cantos onde cospe; finalmente adoram o velho como si fosse um sancto lenho vindo de Roma.

Além d'estes temos a desgraça de aturar um exercito de massantes viseosos, que se grudam nas casas até arranjamem o que querem. Uns pedindo subscrição para se formar, ou encaixando bilhetes de rifas avehacadas, outros imbutindo bilhetes de theatro, quasi a força, outros dando uma conversa para pedir cavallo emprestado, outros com penhores alheios para sacar dinheiro emprestado, com tenção de nunca pagar; outros cathequisando e influindo com elogios e dedicatorias para que lhe comprem um folheto todo copiado e cheio de asneiras, que não serve se não de papel sujo para embrulho ou guardanapo.

Valha-nos Deus com taes massantes, que, além do dinheiro e pechinchas que vão lentamente extorquindo á gente, consomem e affigem os outros, tres quartos do anno. Não nos esqueçamos tambem de algumas viuvias patetas, que massam a todos contando a vida e os amores do seu defuncto, assim como tambem mães de familias ind. secretas que, para inculcarem as filhas por muito raras, entram a contar os casamentos que tem engeitado, e depois de tiradas indagações as filhas ainda não foram pedidas por um gato; em summa remataremos com a enorme massada de se ouvir um padre estúpido e acanhado levar duas horas a mastigar palavras sem dizer o que quer, e no fim, já na escada, depois de ter infastiado o dono da casa, pede um empenho para o bispo o ordenar! Forte zangão! podia ter dito em duas palavras. Massadas taes tem a mesma virtude do maná; assim que o padre vai-se embora corre-se para a cadeira furada.

E basta de fallarmos dos massantes por que, se continuarmos, não tem fim e não queremos que digam que isto tambem é massada: só diremos aos leitores que, para se livrarem dos massadores que continuamente nos perseguem, rezem todos os dias de manhan a magnificat á Nossa Senhora, e feixem-se por dentro em casa até os massadores perderem o mau costume de os importunar.

Á PEDIDO.

AS DERRUBADAS DE EL-REI.

Os sapadores reaes
Lá vem de machado em mão;
Gá na cõrte sete são,
Nas provincias vinte ou mais,
A derrubar liberaes!
« Silencio, plebeus, tremei;
« A regia vontade é lei.

« Sois escravos, nós senhores,
 « Somos bravos sapadores
 « Das derrubadas de El-rei.

Disseram. Corta o machado
 No edificio liberal;
 O supremo general
 D'esse exercito damnado
 Lhe diz: « Batalhão sagrado,
 « A minha vontade é lei;
 « Valentes, accommetteif
 « Sou por vós, sois invenciveis,
 « Sejam completas, horriveis,
 « As derrubadas de El-rei.

« *Harmonisae-me* essa gente,
 « Que se chama liberal,
 (Continua o general,
 Esfregando as mãos contente
 Dos sapadores á frente)
 « Meu regio capricho é lei;
 « Por isso o poder vos dei;
 « Os sapadores avancem
 « E as machadinhas não cansem
 « Nas derrubadas de El-rei.

« Erguei o regio instrumento,
 « Quiz dar o exemplo primeiro;
 « De um golpe duro e certo
 « Derrubei o parlamento!
 « Abaixo leis e orçamento,
 « Sou eu orçamento e lei;
 « Outro e poder vos darei,
 « Sois dignos de meus favores;
 « Pague a plebe aos sapadores
 « Das derrubadas de El-rei.

Não cessaram desde então
 Sinistros golpes brutaes;
 Da obra de nossos paes
 E' certa a demolição;
 Já não tem voto a nação,
 Se existe nação não sei!
 No imperio dictam a lei
 De um homem só as paixões,
 Pois que até as eleições
 São derrubadas de El-rei.

Imprudentes, lêde a historia!
 Nas luctas da nossa idade,
 Entre os reis e a liberdade,
 E' d'esta a final victoria;
 A d'elles é transitoria!
 Bons sapadores, sabei
 Que o povo tambem dá lei;
 Moderae esse machado...
 Pode El-rei ser derrubado
 Nas derrubadas de El-rei.

L. ALVES DE LIMA.
 (Diario do Povo.)

— Ora, meu charo doutor, isto não é bo-

nito em um medico, que está no tribunal, fazendo corpo de delicto!

Pois V., a vista de tanta gente, pegando no rosto da rapariga, que veio para ser interrogada e dizendo-lhe graças, proprias de capadocio!

— Historias!

— Eu aposto que o *Aprigão*, sendo um pedante, não era capaz de se atrever a tanto.

— Ora adeus! Cada um responde por si.

— Está em seu direito, meu cabelleira de sebo; vá fazendo que V. ha de encontrar.

— Capitão, venho aqui apresentar um caso, que merece attenção.

— E' ir dizendo.

— Indo eu á rua, que tem *grades de ferro*, visitar um amigo encontrei um *tenente*, filho da *Bahia*, que em algum tempo foi socio de um daquelles *depositos de molhados*, que por alli ha.

— Relate a historia, que é o essencial.

— Com muito gosto. O referido tenente tinha uma *conhecida* na mesma rua. Um filho do eujo, mais esperto do que elle, entendeu de lhe cortar o regeito.

O meu *pax-vobis*, abrasado em *zelos* e não podendo se desabafar com o pequeno, usou de uma picardia, procurando a prima da *Amelia* e lavrou-a de chicote pelas costas.

— E ella nada fez?

— Logo que pôde desvincillar-se d'elle, foi-lhe aos queixos, e o covarde tratou de dar sebo as canellas, pedindo socorro.

— Que mulherengo! E' sempre official da *guarda não sou nada*.

Si com uma mulher elle portou-se tão miseravelmente, no sul berrava-se todo. E quem sabe o que andou por lá?

— Por tanto, capitão, peço lhe providencias para que não continuem taes bandalheiras n'uma rua tão publica.

— Muxingueiro vae buscar o *tenente*.

— E' um pé la outro ca.

.....
 — Chegue-se para ca, sôr *pae d'egoas*.

— Capitão, estou tremendo.

— Não venha me emporcalhar a salla. Tem consciencia do que tem praticado?

— Desculpe-me, capitão.

— Como vem humilde!

Para que anda dando espetaculos e fazendo *agoa suja* la por sua rua?

— Uma mulher traidora....

— Basta; vou mandar cural-o desta molestia.

Muxingueiro, a cara deste filhote de burro na latrina por 3 dias e em cada um d'elles 50 calabrotadas, para se corrigir de seu desregra-

do procedimento e a mulher das chicotadas que vá se queixar ao chefe de policia, o competente para providenciar a respeito.

—Capitão, felizmente o espirito do desinteresse não está de todo arrefecido.

No dia 13, tendo de se conduzir uma pedra para o altar de Nossa Senhora da Piedade, os pretos ganhadores impozeram o excessivo preço de 100\$ rs. pela condução; vendo isso os saveristas nacionaes, se offereceram para transportal-a gratuitamente e de facto o fizeram, vindo a referida pedra ornada de flores e bandeiras, debaixo de vivas e foguetes, pelo Taboão, Terreiro. etc.

Honra a esses homens rudes em cujos peitos ainda ha uma scentelha de religiosidade e devoção,

Um devoto.

—E' preciso prevenir a policia

—De que?

—Que hontem (15) á noite dous membros do olho vivo entraram em uma casa de jogo, com quantia superior a 2:000\$ rs. para fazer uma banca.

—O golpe trabalhon.

—A policia tem obrigação de inquirir desses dous melcorios, sem meio de vida conhecido, onde acharam tanto dinheiro para jogar.

—Tinha que ver! A policia cansando-se com futilidades,

Sr. redactor.—Não se pretendia dizer ou escrever cousa alguma a respeito do julgado do tribunal do commercio desta cidade, em sessão de 12 do corrente, na causa de Jacintho José David com J. Antonio Mourão.

Longe de censurar a decisão do tribunal, respeitamol-o, como fundado no melhor direito, em todas as suas partes, tanto mais quando o venerando accordão arbitrou em 1:800\$ rs. os salarios annuaes, que o Sr. David exigia, na razão de 3:600\$ rs., demonstrando assim o integerrimo tribunal o espirito de rectidão e equidade com que procedera o Sr. Mourão, quando assignou o salario de 1:600\$ rs. ao seu caixeiro o Sr. David. Não se diria portanto uma só palavra mais a este respeito, si o Sr. David não tivesse tido a imprudencia de vir a imprensa, no *Diario* de 13 do corrente, alardear o seu *triumpho* em nome de toda a honrada corporação dos caixeiros desta praça.

Está redondamente enganado; o Sr. David não pode ser applaudido em circumstancia alguma de sua vida pelos caixeiros honestos, pelos moços morigerados, pelos homens de

bem de qualquer condição que seja, sempre que lhe conheçam a indole e o caracter, como felizmente lhe o conhecem todos soberbamente nesta cidade, ainda mesmo que o Sr. David mude ou troque o nome ou apellido, como agora fez na sua *noticia triumphal*, no citado n. do *Diario*, mudando Daniel por David. E' indole e caracter tanto ingenitos, que parece vir de geração, visto como agora mesmo foi um irmão do Sr. David, estrangeiro que nada tem com as questões politicas deste paiz, que, consta, acaba de disparar um tiro no Sr. coronel Calmon na cidade dos Lenções, como ha pouco viu o publico referido nos jornaes desta capital.

Si alguém ahi pode applaudir o *triumpho* do Sr. David, seriam somente aquelles que se lhe assemelham nas qualidades singulares do coração e lh'as invejam; a grande maioria dos caixeiros honrados, as pessoas conspicuas e probas do commercio, não, não.

E' verdade que algumas vezes caracteres são e ingenuos, homens de reconhecida probidade chegam a deixar-se illudir e fascinar pelas alicantinas e lamurias de insignes hypocritas, de refalsados e perversos tartufos, de cujas garras, entretanto, quasi sempre acabam por serem victimas; outras vezes é somente a stulta vaidade de passar por *generosos e philantropicos bemfeitores*, ainda que o sejam da perversidade relapsa, do crime incorrigivel.

Si neste caso está alguém, ou n'aquelle, que possa supportar o peso de apertar a mão a um famoso sicario, e dar-lhe parabens por seu *triumpho*, bom proveito lhe faça; fiquem certos de que cedo ou tarde acharão a recompensa.

Até ver não é tarde.

Um caixeiro do commercio.

VARIÉDADES.

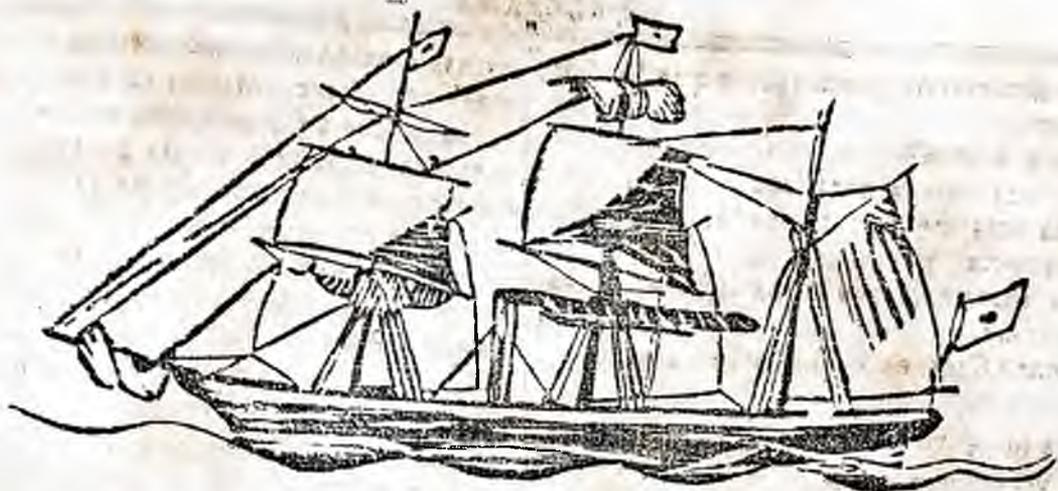
VIVENTES INFELIZES.

Marinheiro.
Escravo de engenho.
Besta de gondola.
Mulher de soldado.
Caixeiro de usurario.
Padre vergouhoso.
Freira arrependida.
Medico sem doentes.

ANNUNCIOS.

Precisa-se alugar uma pessoa para fazer doces de forno de todas as qualidades; nesta typographia se dirá quem.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 43.

Preço d'assignatura — 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

21 DE OUTUBRO DE 1868.

N. 423.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
20 de outubro de 1868.

Officio á Illma. camara municipal, ponderando-lhe o quanto deve ser prejudicial á saude publica o estado de incrivel porcaria em que se acha o pateo do sobrado de n.º 48, ao becco do Padre Bento; a immensidade de podridões alli agglomeradas, exhalam uma fedentina insuportavel, a qual tresanda na occasião em que os moradores fazem despejo.

A vista do exposto, é de indeclinavel e urgente necessidade que a Illma. mande la o seu fiscal geral, o qual depois de ver com seus olhos e sentir com seu nariz, obrigará o proprietario a remover dalli tão poderosa causa epidemica.

Portaria ao aspirante João de Deus, ordenando-lhe que vá ao Canto do João de Freitas, procure um sujeito *amoscosado* e prohiba-lhe de continuar a andar em fraldas de camisa, visto que ha familias defronte e não estão dispostas a presenciar semelhante marmota; sob pena de ser agarrado e remettido para o porão deste navio, affim de entender-se com o muxingueiro. Cumpra.

—Hontem (18) estava uma preta sentada na porta da egreja do Rosario, á Baixa dos Sapateiros, vendendo doces, e de momento levantou-se douda-varrida.

—A' que horas foi isso?

—Eram 7 horas da noite.

—Ninguem sabe como ha de acabar!

—E' do que eu tenho medo, da cegueira do espirito!

—Lá foi dar com os ossos no chilindrô a Maria Felippa.

—Não ligo o nome á pessoa.

—Uma creoula mercadora de legumes em Santa Barbara.

—Isso não passa de alguma infracção de postura, algum genero *passado* que expoz á venda.

—A cousa não é tão facil como V. julga. Falla-se no desapparecimento de um recém-nascido.

—Abandonado cruelmente, sem duvida.

—A policia o dirá.

—Si ella poder *andar*.

—O caso é que sinhá Maria Catharina, parreira, confirma que a sobrinha menor de Maria Felippa dera á luz uma rochonehuda e linda creança, expertinha como um velho que eu conheço, em um quarto da casa da Sra. Maria Caetana dos Passos, em Santo Antonio, para onde foi transferida, desde que deu signal de prenhe; a escrava Flora diz que levou a creança até o Campo da Polvora, mas a senho-

ra nega. E assim ninguem sabe o que foi feito da creança.

—E a sobrinha?

—Foi recambiada para fora.

—Está uma meada intrincada.

—A sujeita que como *cutia* está com o rabo na ratoeira, que corra *ligeiro*, a des-crabaçar-se.

—O *mano Gere* está ahí, não ha nada.

—Esta terra é do viva quem vence.

—Do viva quem pode, digo eu.

—Si tem o que dizer, eu já não dou pa-lavra.

—E tenho sim.

Quando alguém lhe disser que nesta terra ha a menor sombra de garantia individual, pode crer que está mangando redondamente com V.

—Nem para quem tem dinheiro?

—Para esses ha tudo, está claro. Eu fallo em relação aos fracos.

—Assim, estou conforme.

—Si em algum paiz, se praticar acto tão revoltante eu dou o pescoço á canga.

—Como?

—O seguinte:

Um portuguez, Sebastião José Bastos, supponho, arrematou o sobrado n. 7 á rua do Collegio, em dias da semana passada e mandou dizer aos moradores que queria concertal-o.

Na segunda-feira de manhan, appareceram inesperadamente os pedreiros e sem remissão nem agravo destelharam litteralmente a casa, estragando tudo e expondo uma familia de 8 a 10 pessoas ao sol e a chuva sem ter para onde ir.

Agora pode dar seu recado, que já dei o meu.

—Quem ouve isso tem mais o que dizer?

Pois um inquilino, quite, é obrigado a mudar-se em 4 ou 5 dias e como o não faz, o proprietario dá-lhe por tecto o firmamento!

—V. ha de dizer que em casa que não cheira a homem é que se dá destes factos.

—Com effeito!

Antes malhar em ferro friol

—O que é que V. tem que não diz?

—Pois todos os dias ha de se registrar um fracasso por causa da impericia e imprudencia dos boleeiros, sem haver quem se abale com isso!

—A tal respeito, pode bradar a esganar-se.

—Ainda hontem, ao chegar uma gondola ao Caes Dourado, quando desembarcava uma mulher que trazia nos braços uma crean-

cinha, o estouvado do boleeiro fustigou os animaes para fazer voltar a diligencia e a infeliz cahiu sobre a calçada por sobre a innocente creatura, fazendo diversas contusões no rosto e ficando esta ultima em perigo.

—Que gracinha!

—O boleeiro partiu a galope para a cocheira do Bomfim e o pae do menino correu afflicto para uma botica a tratar de seu filho.

—E o pobre povo que vá soffrendo destas e outras com vida e saude.

—As cousas deste mundo são assim.

Uma postura municipal prohibe deitar-se lixo na montanha, entretanto, do palacio presidencial é que se infringe primeiro.

—E V. sabe si é de lá?

—A prova aqui está no Pau da Bandeira; os restos *finaes* do baile de S. Ex. atirados pela ribanceira.

—O' amigo, V. me diz que grupo é aquelle que vae ali pela Praça a fora?

—V. tem olhos como eu, para ver o que é.

—Eu vejo bem, mas não comprehendo.

—Esforce a natureza.

—Vejo um homem, de seus 40 e tantos puchando pelo cabresto um cavallo de carvão; de um lado um sargento do 5.º de cata-tau a cinta e um volumoso cartapacio na mão e do outro um soldado raso.

—Isso basta para V. tirar a consequencia do que pode ser, si tem um dedo de raciocinio.

—Como vae esta cidade!

No sabbado á noite, tres molecotes *capoci-ras*, entre os quaes um escravo do Sr. Machado, espancavam desabridamente na rua dos Droguistas a uma preta, que bradava por soccorro sem achar quem lhe acudisse.

Depois que satisfizeram sua vontade, retiraram-se *garbosamente*.

—O que quer, si a policia depois que é feita a *vapor* anda mais de vagar?

—Da-se encommodo maior!

—E a visinhança que ature pacientemente tão escandalosa diabrura!...

—Não sabe o que é não?

—Sei, sei. O Sr. Dionisio entrou em casa de sua amasia, á rua de D. José n.º 9, achou o *ponto* tomado e quer á força que o seu contendor saia pela janella.

—E para isso teve a precaução de trancar a porta e tirar a chave.

—A *rapariga* porem declara-se contra elle por que, diz, nem dá para o *subá*, nem des-occupa o logar.

- Pareço que a casa vem abaixo!
 —O peor é tamanho alarido, tanta palavra obscena, tanto grito d'aqui d'el-rei de porta trancada.
 —Sempre nos domingos é que apparecem dessas effervescencias.

À PEDIDO.

—Cupidinho, diga-me, V. que é empregado publico: não é prohibido ao empregado de fazenda ter na salla da casa, em que mora um botequim, onde come, bebe, pagodeia e toma seus pifões, qualquer bicho careta que leva dinheiro?

—E' verdade; mas que quer? as novenas dos Afflictos convidam ao tal *deboche*.

—Si o empregado publico não pode ter na rua uma caixinha em nome da mulher com quem é casado, quanto mais elle mesmo em pessoa á vender carurús, moquecas e caçaça.

Até é ridiculo.

—Sabe o que fazer?

Ranger os dentes de raiva, quem tiver inveja.

—Caça-te, meu jesuita, arranca essa luneta do olho, que verás uns a urinar na cuia e outros na escada.

—Immediato!

Virar de bordo e navegar para a enseada da Conceição.

—Prompto, capitão, o vento é fresco. a maré de feição, em meia hora temos feito a derrota.

—Demos fundo no porto deste *engenho*.

Visitemos esta casa onde ha tantos *penitentes* e nenhum arrependido.

Quem rege o estabelecimento?

—Eu, Sr.

—Sr. regedor, director, *administrador*, como quizer que lhe chame, tenho fundadas queixas contra sua gerencia.

Dizem que a *administradora* manda os *soltos* acompanhados pelos *vigias* vender doces, carregar agoa para os conhecidos, mariscar, etc.

—A casa é de *trabalho*.

—Mas não é de *liberdade* para tanto.

Dizem ainda, que no dia 16, um desses sujeitos que já estão de mão assentada, ia fazendo a desgraça n'um pobre *vigia*, por não querer este que elle se alargasse muito em seu passeio.

—Ora, Sr.! Pois se lembram de mim, tão retirado?

—E' que esta casa tem caveira de burro enterrada.

O diabo quanto mais aperfeiçoava o nariz da mãe, mais medonho elle ficava; assim é ella, quanto mais a endireitam mais desmantellada fica.

Sr. redactor.—Tem causado grande numero de collicas o julgado do tribunal do commercio em sessão de 12 do corrente, na causa de salarios, em que litigam os Srs. Jacintho José David e João Antonio Mourão.

Ambages, sophismas, cavillação, subterfugios, insulto e calumnia, nada tem sido poupado; tudo tem sido profusamente, e com mão larga, despejado contra o Sr. Jacintho, no despeito em que cahiram os protectores adversarios, pela decisão do julgado no illustrado tribunal do commercio; o *Jornal*, o *Diario*, e até o *Alabama*, tem sido repletos de insultos pelo seu contendedor e pelo *caxeiro do Commercio*—(assignatnra do *Alabama*), senão era d'elle proprio.

O Sr. Jacintho, nada tem dito a respeito, mesmo porque ainda não julga esta questão diffinitivamente acabada e por isso não insulta e apenas limita-se a procurar o seu direito nos tribunaes competentes, e na justiça de seus conspicios e illustrados julgadores muito confia, para decidirem integralmente a dita questão de salarios.

A questão não foi principiada como se diz, e se tortura e inverte a verdade dos factos.

A questão principiada pelo Sr. Jacintho, foi, pedindo 2:900\$000 rs. de salarios, na razão de 3:600\$000 rs. annuaes, como caixa, gerente e administrador da caza, com poderes especiaes e illimitados para todas as transacções em geral, inclusive transigir nos estabelecimentos bancarios, como se vê da procuração junta aos autos, conferida pelo Sr. Mourão ao Sr. Jacintho.

O Sr. Jacintho requeria na sua petição inicial um arbitramento, consequentemente não fazia um pedido fixe, embora que reputando seus serviços prestados ao Sr. Mourão em mais; o arbitramento foi deferido pelo integro juiz de direito especial do commercio e nesse laudem solemne, se julgou o Sr. Jacintho com direito a 2:400\$000 rs. e não mais a 2:900\$000, ou 1:600\$000 conforme diz o Sr. Mourão se propoz a pagar, aqui para o homem de brio, não devia mais haver, correr nem saltar, uma vez accordes no arbitramento conforme ficaram.

Si o Sr. Mourão, já desavindo com o Sr. Jacintho, lhe offereceu 1:600\$000 rs. como diz, claro está, que elle merecia mais, e pelo salario, se fará uma ideia de quem é a pessoa do Sr. Jacintho, e a confiança que inspirava ao seu proponente, notando-se que o Sr. Jacintho depois de estar na caza do Sr. Mourão

ão, ficou como administrador e gerente, por que socio não o quiz ser; quando entrou para a casa, foi attrahido para socio e não caixeiro, a procuração que o Sr. Mourão conferiu ao Sr. Jacintho, desmente e desmascara o Sr. Mourão.

O Sr. Mourão, nunca foi, como apregoa, generoso, porque seria generoso a custa da bolsa alheia, e ahí está seu ex-socio Britto para o dizer; seria o Sr. Mourão generoso pagando ao Sr. Britto 6:000~~000~~ rs. em uma letra a 6 mezes de prazo por mais de 20:000~~000~~ rs. de que era credor?! Digam-n'o os commerciantes da praça da Bahia, mas não o Sr. Mourão, por que é suspeito....

Falla-se concho, quando se diz, que um irmão do Sr. David, consta, ter dado um tiro em homens innermes, esquecendo-se que com as mesmas provas com que se levanta a revoltante calunnia, que causa asco e não merece resposta, tambem se pode dizer que o Sr. Mourão assassinara o papa, ou o imperador do Mexico. Contra o Sr. Mourão, tambem se pode invocar factos de violencias brutaes que produziram morte!... Entretanto ninguem o chama assassino.....

Por que viria o irmão do Sr. Mourão do Rio de Janeiro? não seria por uma tremenda quebra fraudulenta, que aterrrou e botou por terra muitos commerciantes daquella praça?! Fugindo para a Bahia, corrido pelos probos negociantes que imprudentemente se confiaram d'elle? Isto é que vem de raça, e aqui mesmo se vê o espelho pelas maravilhas que o Sr. Mourão tem praticado com diversos, e segundo consta prepara-se para.....

O Sr. Jacintho julga indigno de si, decer a diffamar pessoas.....por que haveria muito que se dizer.....

O Sr. Mourão chama a attenção dos commerciantes da praça para apreciar os actos do Sr. Jacintho, e seus proprios; isto não precisava dizer-se, porque a corporação do commercio que bem conhece os litigantes, sabe avalliar a moral de ambos. certo de que, nos pleitos em que litiga o Sr. Jacintho com o Sr. Mourão, está bem conhecido quem ha de ser excluido do quadro dos homens de bem. Nem mesmo os tribunaes dão razão a quem não a tem; os tribunaes acabam de lavrar a sentença da honestidade do Sr. Mourão; ali se verificará que as trevas não conseguem entenebreecer a luz, e o sophisma suffocar o clarão do sol.

O Sr. Jacintho não é genioso como diz o Sr. Mourão, e si o fôra....

E' preciso que o Sr. Mourão diga ao seu grande amigo *Erro do engano*, que se metta com sua vida, sinão quer ver a careca a mos-

tra, e mandar-lhe de presente 30 lb. de fiambre do arranjo nos 15 pés!....

Um amigo do Mourão.

—Meu Dr., cara de pau,
Deixa o namoro, és casado;
Que esta vida pode dar-te
Muita lenha no costado.

E' prudencia, é virtude,
Não seduzir as donzellas,
Queres damas? tens bem perto;
Cura-as, si tiver mazellas.

Porem andares querendo
Seduzir e deshonnar,
E' muito, Dr., é muito,
Caro te ha de eustar.

E se não queres que a taca
Sobre teu lombo se veja,
Para deixar o namoro
Forceja, Dr., forceja.

Fogo solto .

MOTTE.

*E' cousa indecente
E que não se tolera
Fallarem casamento
A' tres annos d'espera.*

GLOZA.

Quem annos namora,
E' bem paciente;
Do vinc'lo a demora
E' cousa indecente.

Affirma *Gil Lobo*
Que a noiva dissera:
Que o noivo é um bôbo
Que não se tolera;

Que alisa o cabello
De boi co'exeremento,
Pr'assim o camelo
Fallarem casamento;

Que elle é uma bocca
De horrenda cratera.
Casar! Paixão louca!!
A' tres annos d'espera!!

ANNUNCIOS.

ATTENÇÃO

O dono da venda intitlada Bom Socego na rua do Alvo n. faz sciente a seus freguezes que tenham á bondade de vir pagar suas contas no prazo deste trinta dias; se não pagarem no dito prazo, terão o desgosto de verem seus nomes por extenço contando da data do dito annuncio.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 43.

BAHIA

23 DE OUTUBRO DE 1868.

N. 424.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
22 de outubro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. conego director dos estudos, participando-lhe que nos informam de que um professor particular, ao Areial de baixo, castiga os seus discipulos com excessivas palmatoadas, por cuja razão pede-se a S. S. se digne mandar admoestar o referido professor para que não continue a infringir por tal maneira o regulamento da instrucção, caso seja exacta a queixa.

—Forte exquisitece!

E causou-me tal abalo que ainda estou encommoado!

—Sucedeu-lhe alguma cousa, meu bom rapaz?

—Nada,

—Vejo-o tão alterado!

—Um sonho que tive.

—Ora! effeitos de seu espirito hallucinado.

—Seja o que for. O caso é que ainda estou impressionado.

—Isso passa. Conte-me a sua visão.

—Sonhei que me achava em um extenso genipapeiral. A curiosidade moveu-me a que-

rer saber o numero daquellas arvores e principiei a contal-as.

Ao chegar ao *genipapeiro* n. 10 dei com um espectáculo, que horrorisou-me.

Um homem, macilento, cadaverico, estava a elle atado por uma corda, como macaco ao cepo. O desgraçado inspirava dó e commiserção.

Perguntei-lhe o que fazia em tão lastimavel estado; disse-me que era victima de maus tratos do seus crueis senhores, que preferem tel-o em tão penosa condicção a dar-lhe qualquer destino; que já uma vez tinha se apresentado á policia e queixado-se, mas que isso só serviu para exacerbar seus soffrimentos.

Accordei attribuladissimo e tal impressão causou-me que não me sabe da imaginação, como se fôra *um facto real*.

—Que extravagancia! Ainda não vi visionario igual a V.

E a me roubar o tempo com uma massada sem principio nem fim, e eu feito um papalvo a escutal-o!

—O subdelegado da Sé dá algum baile?

—Porque?

—A casa está toda illuminada e ornada.

—E' um casamento.

Gabriel Francisco de Lemos raptou a menor Maria Clara de Jesus da casa dos seus, á rua do Pão-de-ló e levou-a para o becco de Sebastopol, freguezia de S. Pedro.

O subdelegado foi-lhe no encalço e metteno na Correcção, d'onde sahiu para receber-se

em matrimonio agora ás 8 horas da noite.

— Bem; si todas as authoridades fossem da tempera do Sr. Freitas, as cousas andariam com mais geito.

— Capitão, houve um equivoco.

— Aonde?

— O individuo que mandou destelhar a casa com moradores dentro, chama-se Sebastião José Vasques.

— E' verdade. Foi um engano typographico.

Como isso não altera a gravidade do facto, deixe que vá.

— Mas eu que não sou desses que dizem que antes errar o nome do que.

V. Ex. me entende.

— Apareceu a creança sumida.

— Em que logar?

— Em uma casa ao becco do Açouguinho n. 55, onde estava se creando.

— Por ordem?

— Do asylo dos expostos. Reconheceu-se a identidade por um signal que a mesma tem na coixa.

— Si a sujeita tem logo dito a verdade, teria evitado o ir dar com os ossos na casa de caxorro.

— Os Srs. Marques, Aristides & C.^a foram intimados para apresentarem no juizo da 3.^a vara os authographos de um artigo publicado neste periodico, sobre a questão— *Mourão*.

— Que chusma de responsabilidades de imprensa!

— Será agora talvez a época de acabarem com a liberdade della.

Á PEDIDO.

— A boas horas vem Vm.!

Por sua causa atrazou-se tudo. Ficou de vir ás 9 horas e são quasi 11.

— Mas que quer, si nesta terra se está sujeito até á vontade dos boleeiros das gondolas?

— O que, Sr.

— Ora! cheguei no ponto ás 7 e 45 minutos; deram 8 horas, 8 e meia, 9, e nada de gondola.

Indaguei a causa da demora e disseram-me que os boleeiros estavam colligados para não sabirem.

Bem vê que não havia remedio senão resignar-me e esperar.

— Mais este desafôro! ha de se estar sujeito até ao capricho dos homens da cocheira!

Quando sair d'aqui procure de minha parte algum dos directores e faça lhe ver que a reproducção da falta que se deu hoje, terça-feira, traz graves inconvenientes ao publico.

— Ora, meu academico, porque não deixa a senhora? Respeite o estado della.

— E' de sua conta?

— V. o que quer é ser surrado em um *pe-lourinho*.

— Cale-se, homem do diabo!

— Cohiba-se disto, quando não o publico, saberá de todos os seus feitos vergonhosos, meu pardal!

— Que homem tratante!

Tomou uma marquezia do pobre creoulo para empalhar, agora vae o coitado buscar sua obra e leva uma bofetada!

— Mas o caso não é esse, o caso é que elle dá a bofetada e entra para dentro de casa gritando *aqui-d'el-rei* contra o creoulo que o tinha ido insultar.

— Que safado!

E tolhe do rapaz levar sua marquezia.

— Não é o primeiro que é victima desse *latronopolitano*, não é o primeiro que tento visto queixar-se de serem os seus objectos vendidos.

— O que eu não sei é como elle, morador da rua *Mouriana*, que pouco dista da repartição da policia, pratica dessas ladroeiras e ainda em cima dá bofetadas na pobre e incauta victima!

— São bagatellas com que a policia não se deve envolver.

— Este animal caseiro, o que precisa é levar um clyster de buxa e depois passar recibo.

— Deixe o pobre diabo.

— O cadello não se contenta de andar pelas ruas a batter com a cabeça, feito lagartixa, para as janellas onde vê moças, tem ainda o atrevimento de invadir as casas.

— E' porque ainda não encontrou um bom relho.

— Até meninas de 10 annos não escapam aos gestos libidinosos dessa infame e crapulosa creatura!

— E' como burro; deu para isso não ha quem o tire.

— Anda com um livro de immoraes caricaturas a abrir pelas ruas onde ha senhoras.

— Talvez seja o cathecismo onde os paes lhe ensinaram a doutrina.

— Esse desavergonhado *Mosco so* a muito calabrote.

—Deixe estar, elle tanto ha de procurar que ha de encontrar.

AO SR. DR. PROMOTOR PUBLICO.

O art. 2.º do codigo commercial prohibo aos empregados da fazenda commerciareem dentro dos districtos em que exercem suas funcções.

A infracção d'esta lei importa o achar-se incurso o empregado que tem botequim dentro da sala de sua casa aos Afflictos, nas penas do § 2.º do art. 129 do codigo penal.

AS BELLEZAS DA BAHIA.

(Continuação.)

Entro agora na materia
com muito arrojo e denôdo,
cu vou fallar da Bahia
no seu angó . . . no seu todo;
fallarei dessa nobreza
de improvisada grandeza;
de tudo que ha bom e mau;
fallarei da pelinragem,
p'ra isso tenho coragem
em tudo metto o meu pau.

Tudo que digo é verdade,
nunca gostei de mentir,
não temo nem pau, nem pedra;
meu caminho hei de seguir;
hei de fallar das bellezas
e tambem das impurezas
da portentosa Bahia;
quem tiver rabo comprido,
trate de tel-o escondido
de noite, como de dia.

Isto por hora é o prefacio,
ainda eu não disse nada,
muita cousa hei de contar
desta terra sublimada;
quem tiver reputação
de grande veneração,
não tenha susto, nem medo;
a minha penna é prudente,
ella escreve mansamente,
nem sempre guarda segredo.

Ha fidalgos na Bahia
de famosa presumpção,
cada qual mais descarado,
cada qual mais safadão.
Honra, virtude e pudor
p'ra elles não tem valor,
por serem *cousas fataes*;
o que roubar com vontade,
subindo p'ra a eternidade,
deixa seu nome aos annaes.

Nesta terra de espertezas

onde impera a van cobicea,
quem tiver razão padeco,
não tem valor a justiça . . .
quem tiver um bom padrinho,
não soffre nem um pouquinho,
nas grades da correção:
o pobre, que for honrado,
vive sempre guerreado,
por que tem reputação.

Aquelle que rouba pouco
por todos é censurado,
tem o nome do ladrão
muito porco e descarado;
mas o que rouba á fartar,
e sabe os cobres gastar,
tem louvor em qualquer parte;
quem tiver atrevimento
de fallar n'elle um momento
chupa faca ou bocamarte.

O pobre que fôr votante
n'esta terrinha insensata,
vae seguro pelas calças
para bordo da fragata!
Quando alguém me encomodar,
para eu n'elle votar,
lhe apresento dous figões;
cada um lá que se aguente,
pois que eu vivo independente
desses tollos mandriões.

E. P. V.

VARIÉDADES.

UM BALDE D'AGUA POR UM ASSOBIO.

Estava um luar lindissimo, diz um jornal estrangeiro, e o nosso amigo R. . . ia para sua casa, ora contando as estrellas, ora as pedras da rua. De repente chega-se a elle um sujeito mal vestido, que difficilmente se equilibrava na posição vertical. E disse-lhe:

—O senhor sabe . . .

—Não trago relógio! atalhou logo com impeto o nosso amigo, cohiindo o relógio com ambas as mãos.

—Não é isso, não é isso, tornou o homem com uma voz que evaporava liquidos espirituosos. O senhor sabe assobiar?

—Porque?

—E' porque queria acordar minha mulher para que venha abrir-me a porta. Por mais que faço para assobiar, não posso. Ora ouça.

E o embriagado, para provar que não podia assobiar, ensaiou com os beiços um vui! vui! que sahiu perfeitamente incorrecto.

R. . . teve dó delle o assobio. Abrin-se a janella unica do primeiro andar de uma casa.

—E's tu? perguntou um voz.

—Sou, sim, resmungou o homem, ja encostado a porta.

—Pois então ahí vae, patife! tornou a voz de cima.

Cabiu na rua uma grande chuva e na cabeça do nosso amigo um balde de agua.

O embriagado não o tinha avisado de que sua mulher o memosiava sempre com agua ao entrar em casa!

QUAL DOS DOUS ?

Deu-se ha pouco em Brescia, na Italia, um cafrioso acontecimento.

Uma senhora havia dado a luz um menino, que, segundo o costume muito vulgar na Italia, foi dado a crear a uma ama que morava em uma aldeia proxima. Passados tres mezes foi o pai visitar o filho.

—Como está o menino? perguntou ao entrar.

—O menino! exclamou a ama, mostrando admiração. Que menino? Era uma menina. Olhe si se lembra bem. Aqui a tem.

—Mentes! respondeu o pae furioso. Que fizeste de meu filho? Responde, e já!

—Senhor, acredite que... balbaciava a mulher, procurando ao mesmo tempo desaferrar-se das mãos daquelle homem que a opprimia com febril agitação.

—Não! Daqui não te moves sem que me digas o que fizeste de meu filho!

Por fim, depois de muitas evasivas, a mulher, vendo que não havia outro remedio, acabou por confessar que, com o fim de ganhar salario dobrado, havia levado o menino á roda dos expostos, e se apresentara no outro dia no estabelecimento a pedir um menino para criar-o com a esperanza de que lhe entregariam o mesmo; mas com grande horror vio que em vez do que esperava se lhe entregou uma menina.

Aterrado o pai com aquella revelação, correu ao hospicio dos expostos, e perguntou por um menino que em tal dia e tal hora entrara naquella caza. Responderam-lhe:

—Não foi um, foram dous os meninos que se receberam nesse dia, como pôde ver no livro dos accentos; e chegaram quasi ao mesmo tempo.

—E não ha signal, nem nenhuma marca que os distinga?

—Não ha.

O desgraçado pai ficou um momento em silencio, e aterrado, mas breve fez a seguinte reflexão:

—Si levo um delles e deixo outro, estarei toda a minha vida atormentado por uda duvida cruel. Levarei ambos, e educal-os-hei juntos. Dessa maneira terei eu certeza de que um delles é meu filho.

E assim o fez com effeito.

E' para desejar que nunca se aclare o mysterio, e que as duas crianças possam viver em estado de ignorancia quanto a sua origem.

COUSAS QUE DAMNAM.

Tomar rapé, tendo esquecido o lenço.

Falta de convidados para enterros,

Reprehensão de mulher adiante de gente.

Pisadella em callos.

ANNUNGIOS.

ATENÇÃO

O dono da venda intitulado Bom Socego na rua do Alvo n. 64, faz sciente a seus freguezes que têmão á bondade de vir pagar suas contas no prazo destes trinta dias; se não pagarem no dito prazo, terão o desgosto de verem seus nomes por extenço contando da data do dito annuncio.

Precisa-se alugar uma pessoa para fazer doces de forno de todas as qualidades: nesta typographia se dirá quem.

PILULAS DE CASAMENTO.

Para curarem todas as aflições, motivadas pelas seguintes molestias:

Falta de dinheiro, tristeza, melancholia, zangas, veixames, apertos, difficuldades e todas as molestias procedidas da falta de alegria.

Copia fiel de uma carta, vinda de Angolla, remettido pelo Sr. João Cosme Carapetão.

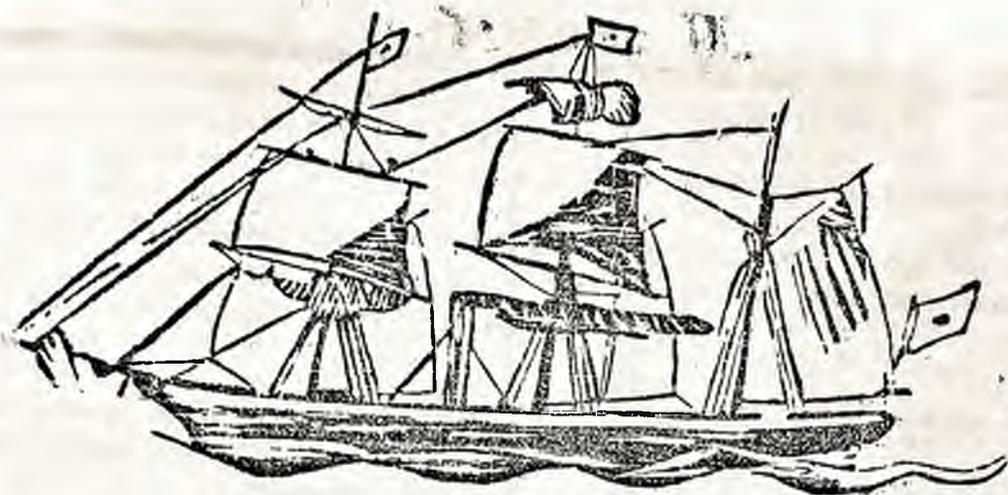
«Muito tenho a agradecer lhe pela prompta remessa que me fez das pilulas de casamento, e a ellas sem duvida alguma devo estar minha familia toda contente e arrumada. Apenas abri a caixa daquellas milagrosas pilulas, dei duas a minha filha Quinquina, ella entron logo a cantar e a dançar a polka com muita elegancia, que logo cinco rapazes da vizinhança vieram pedil-a para casar.

A Jesuina, que eu já contava por esquecida, por ser zarolha e quebrada de uma verilha, bastou cheirar a tampa da caixinha, está tão gorda, tão faceira e tão bonita, que os namorados andam em desafio por causa della.

Guilhermina, essa então pode-se dizer que está com a saude calafetada de novo, e não comendo até agora senão duas pevides de melancia, agora engole tudo quanto acha.

Felippe meu filho, de vinte dous annos, que até agora, quando via moças, bradava—aquí d'el-rei e hia se esconder, já dança quadrilhas e por fim até declarou á mãe ás escondidas, que queria casar com uma moça bem gorda!!

Unico deposito onde se vendem estas pilulas d'frente de convento de S. Francisco.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso.

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 43.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

24 DE OUTUBRO DE 1868.

N. 425.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
23 de outubro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que nos informam de que em uma rua, onde ha um pé de *gentipapeiro*, casa n. 72, onde mora uma senhora que não veio de Minas e é mineira, existe um homem de côr parda, o qual é victima de atrocissimos tractos: preso em um quarto, acorrentado, castigado lenta e barbaramente e quasi morto á fome.

Em nome da humanidade, pede-se á S. S. providencias contra um acto de tão requintada fereza; o que espera-se.

—A companhia do gaz tem cassuado em regra com o publico.

A illuminação n'estes dias tem estado verdadeiramente microscopica: peor duas vezes que no tempo em que era feita a azeite.

—Não lhe pareça; mas supponho que não ha carvão.

—Aposto que a subvenção ella recebe inteirinha!

—Ora!

—E no mais anda ella quente e ria-se a gente.

A NOSSA CIDADE BAIXA.

Muita gente, que tem inveja da nossa terra, apresenta-lhe como um defeito a cidade baixa, e o estar n'ella circunscripto todo o nosso commercio.

Ora, eis o que se chama gente sem gosto, pois que uma das bellezas da Bahia he a sua cidade baixa, onde scenas tão variadas se encontram, onde ha tanto que ver, e onde redemoinham e andam aos empurrões gentes de todas as classes, posições, e qualidades. Dir-se-hia que ella he o armazem de Belchior da cidade alta, pois que suppre todas as suas necessidades por mais exigentes e exquisitas que sejam. Descrevamos alguns quadros da cidade baixa.

Supponha o leitor que se acha na janella de uma casa em Santa Barbara: que bello espectáculo não destructa! Lá vai apressado o negociante inglez com suas calças sem puchadeiras, com suas suissas á meia cara, e encontra-se com o marinheiro alcatroado, que está embasbacado em frente de uma gamella de bananas bem amarellas e de bisco verde. Lá vem do lado opposto o caixeiro enebado do amasem, com suas mangas arregaçadas, e grossos tamancos, que ninguem da nada por elle, e que comtudo daqui haverá annos deve representar de capitalista forte, a encontrar-se com o negro meto nú, apenas por delieixo das authoridades policiaes, vestido com um calção aberto na frente e que se diverte a ir chupando com o dèdo o prato de carutú, que com-

prou. O inglez vai passando, como que desaperebido no meio de todas aquellas cousas que o cercam, em quanto o marulheiro parece estar dizendo que se não pôdo deixar de gostar de um paiz que produz a banana. O caixeiro principiante identifica-so com estas cousas, como quem já se julga em paiz seu. ao passo que o negro olha de revez para toda esta gente que considera como inimiga, e se mostra fiel aos seus costumes d'Africa.

Em frente está a banca de miudezas, cujo dono parece estar no melhor de uma comporta ao paspalhão do reconcavo, que está deslembreado em presença de todas as teleias que vê. Aqui vende-se o peixe, alli se podem lêr em taboletas os chamados das casas de pasto aos freguezes dos bons petiscos, que muitas vezes para nada prestam. Emfim, lá está o esfomeado a fartar-se no botequim do Cabocolo, e a beber com toda a satisfação a chicara amavel de cheirosos café com leite. Que variedade de scenas! Para que ir um homem ao theatro? Ao menos aqui não se aturam os malereados da platêa.

Agora supponha o nosso assignante que tem almoçado, e preparado, vestido e hem engomado, sahe pela manhã de casa e vae em demanda da cidade baixa. Segue a entrar n'aquella Babylonia pela ladeira da Conceição, que, graças a um beneficio, está melhorsinha. Já pelo caminho vae elle se encontrando com um e outro que lhe he companheiro no tirocinio. Umaz vezes he o empregado da alfandega ou meza de rendas, que lhe vae contando as novidades da repartição, e maldizendo a sua vida, e o governo que lhe não augmenta o ordenando; outras he o caixeiro que desce atracado com o pesado mólho de chaves do escriptorio. Aquelle mesmo caminho já fizeram pela manhã hem cedo, os artistas, os negociantes em principio, os caixeirinhos, e os obreiros do arsenal. A ladeira so vae finalizando e então eis-vos entrado, como se d'um rio desembocasseis no mar, n'uma das ruas mais curvas da cidade baixa. Que barulho! que confusão! De um lado e outro, armazens, lojas, mercenarias, botequins, e tudo que por ahi se vê. N'uma porta estão meia duzia de negros a fartar-se de mingau, ou mocotó, em que commercia roliça e lúsidia negra, já de ha muito alli estabelecida. Na porta do armazem inglez, por isso que inda he cedo para chegada dos amos, estão os caixeiros a lêrem o *Diario*, e a apreciarem as novidades. Parece que tudo se prepara para o combatido dia: esta rua se assemelha, á taes horas, a um arraial onde os soldados acampados, limpam as armas e renovam as cargas, á espera do que poderá acontecer. Assim vae caminhando o que entrou na cidade baixa por ella: vae caminhando, vai, vai. . . e, como quem viaja n'um rio que conhece a aproximação da caxoeira pelo aug-

mento da correnteza, conhece tambem aqui que se acha n'um dos pontos principaes da cidade baixa, e este he a porta d'alfandega: o concurso he maior; muita gente aglomerada, uns que entram, outros que sahem, e o porteiro a marear as filhas de tal e tal empregado preguiçoso e remissa em seus deveres. E digam que em tudo isto não ha um divertimento! que não he bello e agradável de vêr-se!

Todos correm para cidade baixa. Ha muito amavel que alli vao por fado; não tem nada á fazer, porem vae para conversar em politica, pois que no Catilina a politica está em voga: para saber das novidades da praça, si o assucar subiu no preço ou diminuiu; emfim para conversar e dar a taramella com uns e com outros.

E nem he somente durante o dia que o espectáculo da cidade baixa he agradável de ver-se, não: quando este se finalisa, logo que se deixam as estações e sobem os negociantes, mudam-se os bastidores, e as scenas são outras. Novos commercios ahi principiam.

As farnas da bebidas se tornam animadas, e freguezes que não podem aparecer de dia, ahi apparecem de noite. Como se sabissem a laia de morcegos de suas tôcas, fica a cidade baixa inundada do terrivel bando das perdidas filhas do pecado, que tambem, lá a seu modo e geito, fazem seu commercio — esse commercio impuro, em o qual a mulher degradada desce a vender-se como si fazenda fosse, posta ás prateleiras de uma loja, ao homem que não conhece, que jamais viu, que talvez não veja mais, cujas tentações não sabe e de cujas qualidades não pode julgar! Oh! são scenas estas degradantes, mas que se representam na cidade baixa, e que só se ultimam com a apparição do dia. Dic-se-hia que sahiram do inferno todas estas furias, que em sua baixeza se aviltam á tal ponto! Não ha acção nem palavra, por mais hedionda que seja, de que não se manchem essas miseraveis, que tomam um amante com a facilidade com que bebem um copo de aguardente, ou levam um bofetão, assalvado carinho de seus amantes do momento.

Ora, á vista de tudo isto, diremos nós, que todas estas scenas temos apreciado, que a cidade baixa offerece muito que pensar, o que não pode ser tida como defeito da Bahia. Tire-se o que de mau tem, e pezada na balança da justiça, o que tem de bom vencerá.

Á PEDIDO.

—Cada dia vejo mais cousas!

—O que viu V. de novo, algum rato roendo fechadura?

—Não; mas vi o ordenança de um sub-arrenegado prender uma ganhadeira de peixe,

que, chamada para vender em uma casa, subiu no passeio para poder entrar.

—Eim! Então ella havia de voar?

—Não sei; o caso é que entre elle e seu patrão *arranjaram* 4 bicos da pretinha.

—Meio de vida, não resta duvida.

E' da laia do que mandava á noite prender os pretos e punha-os na masseira de sua fabrica de amassar trigo, dizendo-lhes que se haviam de ir para a Correcção, que era mais dispendioso, ficassem ali.

—Nesta terra vê-se tudo; não é preciso correr *mares* para ver nada.

VAE A CARAPUÇA A QUEM COUBER.

Pede-se a quem offereceu-se para policiar a freguezia do *Segura paredes*, o favor de sahir, a fim de saborear o fresquinho da meia noite, visto achar-se até agora em santa paz.

Não dê aquillo que não tem; não queira receber elogios com o serviço dos inspectores, porque nem todos são da sua parcialidade e ninguem mais que o subdelegado sabe disso.

Por hoje só: si não sahirem os fidalgos offerecidos para rondar, ainda conversarei.

Um inspector liberal.

—Ora que bobo!

O *Mouro-grande* (Zeca) andou hontem de guarda-costa armado de um formidavel cacetete.

—Para matar algum rato?

—Eu sei lá. Opatetaço, com ares de espadachim, andava a blasonar por essas ruas!

—Desfructavel! Valente foi elle na tremendissima peça, que pregou aos cariocas, com a quebra fraudulenta.

—Em todo caso, é bom prevenir a policia que tenha em vista esse valentão, que empregaria melhor a sua força carregando algum pesado volume á pau e corda.

—E' verdade, quem tem força bruta, vá para a alfandega eurolar fardos.

—Ora essa! . . .

Pois a sociedade Monte-Pio dos Artifices não veio ao *Diario* de 23 do corrente, na pessoa do seu secretario, declarar «que não partiu do seu seio a commissão de que trata o *Diario* n. 242 e que é inteiramente alheia a tudo quanto em nome dos artistas se tem publicado tanto no *Diario* como em outros periodicos, pois que, em observancia á seus estatutos, tem por dever tratar unicamente do engrandecimento das artes e da beneficencia mutua dos seus consocios, e não da policia do paiz.»?

Ora, Sr. secretario, pelo amor de Deus!

Pois o que tem a sociedade dos Artifices com a sociedade de artistas liberaes?

Aquella é uma sociedade de beneficencia e esta é uma sociedade politica.

Pedião até os socios dos Artifices serem da sociedade de liberaes, tanto mais quando os artistas, que assignaram na tal commissão de felicitação ao Sr. conselheiro Saraiva, não são nem socios da Imperial Sociedade de Artistas, nem da de Artifices.

Qual é, Sr. secretario, o engrandecimento que tem feito a sociedade Monte-Pio dos Artifices ás artes? . . .

Sr. secretario, não desperte a *cnça* que dorme. Sentido para não ser devorado por ella!

—Capitão, não sei si V. Ex. está certo de um deputado, que discutindo na assembléa disse:

«Sr. presidente. . . . pelo pessimo estado das estradas e pelas aguas que enchem os rios, fica impossibilitado de descerem, como vê V. Ex., *cá gado.*»

Agora, tambem um presidente de provincia em um officio seu, cahiu na cousa, ou por outra usou do *cacophator*.

—Refira-o.

—« até que esta presidencia tome *acerca della* uma deliberação mais conveniente.»

Espremeu-se tanto, que por fim borrou-se! Felizmente é o proprio presidente quem taxa a presidencia de *cadella*.

—V. tambem não dispensa nada!

Valete de Passé

Já não fica mais em pé.

Varão de Sergimirim

Tu não enganas a mim.

Varão de Nagé

Nelle tenho pouca fé.

Varão do Catú

Veste calça de yanzú.

Varão de Subahé

Entre as mulheres guarda fé.

Varão do Rio Vermelho

Pinta o bigode ao espelho.

Varão do Rio de Contas

Na politica anda ás tontas.

Varão do Rio-fundo

E' o mais imbecil do mundo.

E. M. de Agarão

Em mentiras é barão.

B. no Canto do Brum

Fede a catanga de anum.

C. F. *Trintas*

E's sovina. N'outras arrhas não consintas!

CHARADA.

Sem ser francez, eu na França
Occupo o primo lugar;—1
Mas, por eu não ter valor,
Fora me mandam deitar.—2

D'uma substancia lactea
Por certo metade sou;—1
Sem ser véla, nas egrejas
A's vezes acceso estou.—2

CONCEITO.

Gosa muito credito
Aqui nesta praça;
Ninguem delle falla
Mal, nem por graça.

E' negociante;
Mas não brasileiro,
Por isso já vêdes
Que elle é estrangeiro.

Agora, leitor,
Tomae bem sentido,
Si não decifardes
Não sois entendido.

J. L. de A.

RECEITA.

Inxundia de gavião
Com banha de sapo assado
E' bem bom p'ra namorado,
Que se mette a rufião.

Clister de pimenta e cinza,
Fomentação de correia,
P'ra mulheres de capona,
Que indagam da vida alheia.

Glutão, que indo a baile,
Ainda leva p'ra casa;
Pasteis de beira de praia,
Depois que a maré vasa.

VARIÉDADES.

COUSAS QUE CAUSAM DESEPERO.

Aos militares.

P'char a espatta, ficando o ferro na bainha, e
elle com os copos na mão.

Cahir do cavallo em dia de grande parada.

Ouvir ler uma relação de despachos, em dia de
gala, e ver-se preterido.

Aos Padres.

Estar n'uma ceiala, e dar meia noite, tendo
elle de dizer missa no dia seguinte.

Dizer em publico á pessoa de cerimonia, que
um menino é seu afilhado, e este responder-lhe
por graça—Você está mentindo, papai!

Decorar um sermão, e perder-se no pulpito,
estando a igreja cheia de ouvintes.

Ouvir no confissionario lamentar-se uma pe-
nitente e não poder consolal-a.

ANNUNCIOS.

Julio Cesar da Silva e Jovino Cesar da Silva
pae e irmão do Dr. Julio Cesar da Silva, fal-
lecido no Paragnay, onde se achava servindo
como cirurgião-mór de brigada do 2.º corpo
do exercito, convidam a todos os seus paren-
tes e amigos a assistirem a missa e momento,
que pelo eterno repouso da alma do mesmo
finado mandam celebrar ás 8 horas do dia 27
do corrente, no convento dos religiosos fran-
ciscanos, protestando desde já o seu eterno
reconhecimento.

Precisa-se alugar uma pessoa para fazer
doces de forno de todas as qualidades: nesta
typographia se dirá quem.

Madame Marie de la Velhacarie avisa ao
respeitavel publico em massa desta cidade,
que, pelo navio *Courrier de la France*, recebeu
um sortimento dos seguintes objectos, os
quaes vende por modico preço: roneadores de
cascão para senhora, chapellinhos contra o
sol, aneis de velludo, luvas de 5 dedos,
meias de borraxa, leques de bufalo, sapatos
de assentos de vidro, auquinhas de mola
para todos os corpos, e conforme as cintu-
ras, costureiras de bronze, com os respectivos
aviamentos, tudo de massa fina; brincos de
ponta de veado, ricos alfinetes de jacarandá
envernizado, pulseiras de bezerro e de corda-
vão, atilhos de tartaruga, a lereços de mar-
roquim, lindos pentes de envergar, agulhas
de espuma, thesouras para unhas todas de
espermacete, espigões de enfiar cordões no
vestido que vão entrando pela bainha sem que
ninguem os metta, dedacs de gesso, novellos
grossos e finos. Convida a todos que a quizer-
rem honrar com sua presença a irem ao becco
do Engambela n.º 2001 A.

A mesma aluga uma criada que saiba en-
tretre freguezes.

—Capitão, á ultima hora.

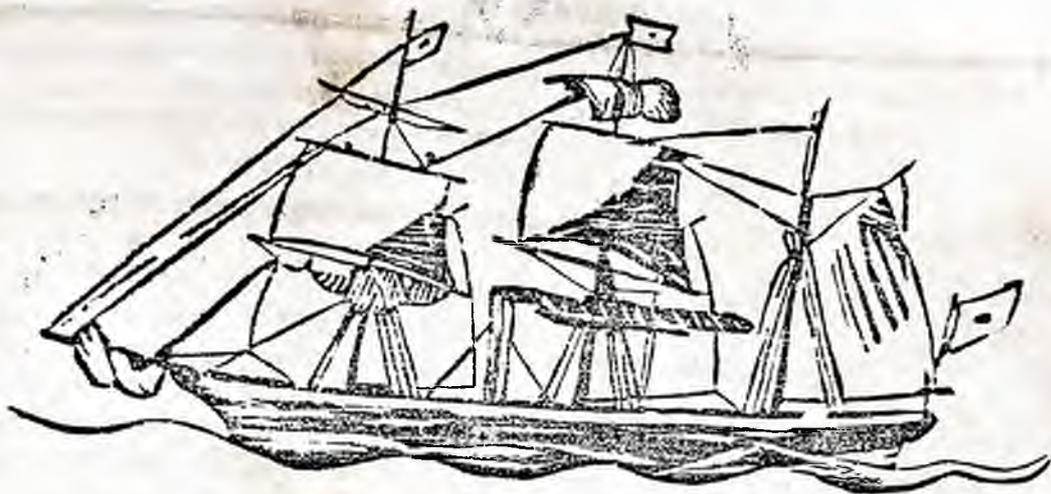
—Ha novidade?

—A policia deu em casa de maribondo.

—Que diz?

—O pardo Joaquim, escravo de D. Del-
phina de Moraes, que vivia preso em um
quarto, ao Genipapeiro n.º 72, martyrisado á
pão e agor e acorrentado, foi hontem en-
contrado neste lastimavel estado.

—Como está a raça dos thags propagada
nesta terra?



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 43.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

28 DE OUTUBRO DE 1868.

N. 426.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
27 de outubro de 1868.

! Não houve expediente.

—A guerra do Paraguay corre á galope para o seu termo.

—E' o que pensa V.

—Lopez vae fazendo *evacuações* á torto e a direito, que são habilmente aproveitadas pelo nosso general em chefe.

—Entretanto, a provincia da Bahia, que tanto se distinguiu nesta guerra, tem ainda de fazer o penoso sacrificio de enviar um contingente de mil e tantos homens, afora os recrutados.

—Isso é exagerado.

—Exagerado? Só a capital tem de dar 400 homens; batalhões desprovidos de gente, como o da Sé, que tem apenas 40 homens, deve dar 12 e o de S. Pedro 16.

—E' uma calamidade!

Mas eu não vi publicado o decreto?

—Ora! e para que?

—Foi sempre praxe.

—Isso foi *in illo tempore*.

—V. quer dizer que hoje tudo se faz caladinho.

—Nas trevas.

—Pobre povo! E' todo dia enganado como creança, que se acalenta, quando está a chorar.

—O Interesse Publico está vendido.

—A quem?

—Passou a pertencer a uma sociedade anonyma.

—Mascarou-se.

—Gato escondido com o rabo de fora.

—Eu sempre disse que aquella *reflectida neutralidade* significava alguma cousa.

—O tal macacão velho é fino como lan de kagado.

—E faz elle muito bem: emquanto venta molha-se a vella.

—Que barulho é este aqui na ladeira do Aljube?

—Praças do S.º, de guarda em palacio, que espancaram a um sujeito.

—E' contra a disciplina.

—E depois deram-lhe a voz de prisão e o sujeito resistiu.

—E' bem mau isso, da parte de quem tem obrigação de manter a ordem.

—O inspector apparece, prende aos guardas por estarem de bayoneta fora, mas elles zombam do agente da authoridade e negam-se a dar os nomes.

A guarda transporta-se em peso para a rua do Bacalhau e faz um sarceiro infernal. O

superior do dia chega, e o preso é conduzido pelos seus aggressores para o quartel da Palma.

—Agora pergunto eu, si de repente apparece um *trundundum* na praça, como era, estando parte da guarnição no alteio?

—Eu sei! E tanto barulho por intrigas de rancho de rei!

—Bom! Eu pensei que o rapaz era guarda do corpo.

—Qual; é musico de outra.

—Está direito; o que vale é que o commandante não é de graças,

—A companhia do *Olho-Vivo* não cessa de trabalhar!

—Nas novenas dos Afflictos trabalhou que fez gosto!

—Na terça-feira roubaram no côro um chapéu de palha, novo, do Sr. Manuel Thomé, que lhe custou vinte e cinco mil réis.

—No domingo, por occasião do fogo, trabalharam com muita actividade e destreza!

—Eu pelo menos ouvi diversas pessoas queixaren-se de objectos seus que tinham sido roubados.

—E' preciso crear-se uma companhia de—*seguro contra a destreza do olho-vivo*—porque si for esperar-se que a policia tome providencias a respeito, temos que desesperar!

—E mesmo, porque a policia não se deve occupar com essas *ninharias*!

—Ante-hontem (26) na freguesia de S. Pedro, estava a mãe do Sr. Raphael fiscal, em casa, lavando roupa e cahiu repentinamente morta!

—E' necessario que o inspector da saude publica, tome medidas medicas acerca dessas mortes repentinas que estão agora grassando.

—Alem do terrivel flagello da guerra, que ainda peza sobre nós; alem da fome que já soffre o povo; alem da peste que grassa nesta cidade, ainda o reaparecimento do recrutamento!

Pobre Bahia! onde irás parar?

—Na segunda feira á noite andavam os guardas nacionaes na *caçada de homens*!

—Alguns vinham debaixo de estouros de baionetas.

—Pozeram-se no largo do Theatro á agarrar a torto e direito, que foi uma calamidade!

Vê aquella pobre mulher que ali está chorando?

—O que tem ella?

—Vem do Catú, reclamar a soltura de seu filho unico, Antonio Florencio de Sant'Anna,

guarda nacional prompto, que foi recrutado e remetido para esta cidade, afim de se ir andando para o sul; tudo isso devido a eleições.

—Santo Deus!

Senhores do governo, tenham compaixão desse povo soffredor, não abuseis tanto do seu *cordeirismo*!

—O ex-guarda policial Vicente Ferreira da Trindade, queixa-se em altas vozes do capitão Hilario, que lhe põe impecilios para que elle não receba seus fardamentos, deixando-lhe as informações e creando outras difficuldades.

—E' preciso ouvir as partes para poder decidir.

—E depois conta certos factos passados naquelle corpo á respeito de guardas destacados fora e a historia de um recibo.

—Quanto a isso, elle que vá ao Sr. brigadeiro Evaristo, encarregado de inspecionar o corpo, e conte-lhe tudo para elle examinar as taes melgueiras, si é que as houve.

Á PEDIDO.

Sr. Redactor.—Tendo o *Alabama* n.º 224 publicado um officio sobre o fetido que encommoda a visinhança da casa n.º 48, ao becco do Padre Bento e procurando-se attribuir a authoridade de semelhante publicação a diversas pessoas da visinhança, com o fim de malquistal-as, eu não desejando que recaia sobre ninguem a odiosidade do que não praticaram, declaro que assumo a responsabilidade da noticia, como informante que fui.

Bahia 24 de outubro de 1868.

Francisco Gomes da Silva Moreira.

—Capitão, uma descoberta, para quem não quer pagar dividas!

—Deve ser excellente para os caloteiros!

Vamos com isso.

—Quando um individuo estiver devendo a outro e não quizer pagar, traga dentro do bolso um punhal, e quando lhe apparecer o credor, elle puche por elle e vá sobre o cujo.

—Ora tens boas lembranças! Esta só de salteador!

—Pois não foi de salteador, foi de um sujeito que quer ser comico a força, para o que não tem nenhum geito, que puchou por um punhal para o machinista da *casa da opera*, quando foi cobrar o que elle lhe devia do seu trabalho, e além de ser insultado por elle e até taxado de *cafre*, teve de ser ameaçado

com um punhal, que se não é ter mais gente, estava hoje tomando *frasco* na Quinta!

—Quando se deu este facto?

—Na sexta-feira, 24 do corrente.

—Como se chama este maroto que o quero mandar vir a minha presença?

—Não posso dizer a V. Ex. o seu nome.

—Não podes dizer? Eu ordeno que digas, quando não.

—Eu irei com o muxingueiro mostrar-lhe o tratante; mas dizer o seu nome é do que eu peço pelo Santissimo Sacramento que V. Ex. me dispense.

—Pois bem; já que me pedes assim, não te quero comprometter; mas irás com o muxingueiro e mostrar-lhe-has este novo salteador de estrada, pois quero conhecer mais este maroto. este ladrão insolente que ousa assim roubar o suor de seu proximo!

Muxingueiro, acompanha este homem, e o individuo que elle apontar-te, traze-o a minha presença de machos aos pés!

—Juro, por S. Miguel, que as ordens de V. Ex. serão cumpridas, como sempre tem sido!

(Continúa.)

MODINHA.

Coitado de quem pretende
Ser no Brazil cidadão,
Nesta quadra assignalada
Por tanta *evacuação*!

Lá no sul os paraguayos,
Como por combinação,
Cobriem de gloria Caxias
Em cada *evacuação*!!

Aqui os homens mais serios,
Quer politicos, quer não,
Foram todos obrigados
A uma *evacuação*!!!

Os presidentes mudados,
Os chefes de quartirão,
Cada um por sua vez
Fez sua *evacuação*!!!!

Este decreto sagrado
Que chamam dissolução,
Recebeu do parlamento
Um *bill* de *evacuação*!!!!

Emfim o povo obrigado
Pela força da pressão,
Para ver-se alliviado
Fez todo *evacuação*!!!!

E digam que o ministerio
Por alta recreação
Não tira grande proveito
De tanta *evacuação*!!!!

Corre até que está lavrado

Um decreto do patrão,

Fazendo o nobre Caxias

Duque da *evacuação*!!!!!!!

(Da *Opinião Liberal*.)

—Esta na verdade é singular!

—Com singularidades não venha cá.

—Posso lá crer em semelhante protector!

—Quem?

—O Sr. *Adãos*.

—Está bem servido!

—Um homem que deixa seu proprio filho andar por ahi morto á fome, quasi esmolando as migalhas dos outros.

—E' a sordidez em pessoa.

—Entretanto, quer a força constituir-se em protector de um pobre rapaz e constranger-lhe a vontade, como si fosse seu escravo.

—Está no seu direito, é rico!

—E como dizem que dá dinheiro no reino para uma casa de ensino, entende quem pode, que lhe deve satisfazer a todos os caprichos, por mais desordenados.

—Quem dá dinheiro, elle? Eu ponho minbas duvidas que de tal matto saia coelho.

—E o que tem que o Sr. *Adãos* lá no reino dê dinheiro, para cá no imperio latronopolitano ter direito a coagir a vontade de seus patricios?

—A's vezes vêm recommendados.

—Não é com essas; qual é delles que já foi feliz com protecção do Sr. *Adãos*, sovina de primeira ordem?

—Que não come a excrescencia que deita, por não poder.

—Pois um rapaz que não é menino, ha de se sujeitar a castigos corporaes e a ser tratado bruscamente, somente porque assim aprax ao Sr. *Adãos*? Em que terra estamos nós?

—Homem, isso está uma lenga-lenga muito comprida, deixe para depois conversarmos com vagar.

A publicação do *Alabama* n. 423 não teve por fim chamar a odiosidade contra o Sr. João Antonio Mourão e a compaixão a favor do Sr. Jacintho José David, foi apenas a retribuição de outra publicação; com a differença de que n'uma só ha calumnias torpes e n'outra verdades puras.

Si o Sr. Mourão chamou a responsabilidade ao que chama seu detractor, não foi levado por sentimentos nobres de dignidade offendida, porque nenhuma offensa ha no artigo alludido, foi sim levado pelos impulsos que dá o dinheiro.

Realmente com quem esperava encontrar-

se o Sr. Mourão nos tribunaes? E' preciso que S. m. o diga.

A pessoa a quem se refere, nada tem com a publicação e portanto o Sr. Mourão não a podia encontrar nos tribunaes.

Quanto a isso de mazellas, stylete de sicario e outras amenidades publicadas no *Jornal* n. 4562, revertem intactas á impura fonte d'onde dimanaram.

O Sr. Mourão obraria com mais juizo, si em lugar de estar dispendendo o seu dinheiro com uma rede de processos, o applicasse a fins mais convenientes e de pontualidade.

O credor de sabbado, logrado.

Que horror!! que escândalo!! Sra Martha Tanajura.

Martha.—Bemdito seja Deus! serà possível que o Sr. Noé Gongo tivesse visto a nossa Analia Findinga examinando algum Adonis na resa?...

Noé.—Não me emporto com essas cousas da menina, ella está em seu tempo: falo de cousa mui differente, que me tem assáz escandalizado, a descaração mais inqualificavel, que tenho visto: com effeito é mui relaxado, e immoral o tal dogue da nossa terra. Esse animalejo, não satisfeito de ser visto por vezes nú em uma fonte publica, com o solempino, escossiaando com a sua mula baia, tem inda o arrojo de se appresentar com ella na egreja, de portas abertas, preparando altares para o mez de Maria. Que horror! que sacrilegio!! e que animal safado, incorrigivel, e profanador da casa de Deus!!

E não haverá quem leve tal facto ao conhecimento da authoridade competente?

Martha.—Bemdito seja Deus! Sr. Gongo, não agrave ao nosso animalsinho; pois, bem sabe, que elle ladra sempre ao anjo, para o correr da torre da luz, e encaixar a V. lá bem em cima da cupula.

Ai!! Ai!! exclama Analia Findinga lá n'um quarto.

Martha.—Bemdito seja Deus! Sr. Gongo, olhe, que aquella menina, depois que o Sr. Zuca foi-se embora, me tem dado provas de conversão: cathequiza sempre a um soldadinho; e por espirito de charidade agrada muito ao seu doguinho, e não quer que se falle delle: por tanto, deixemos a historia para outra vez; basta por hoje: tenha boa noite.

Noé.—Pois bem, lhe contarei então quem quer deitar a nossa calva a mostra, e juntamente a do dogue sacrilego: só espera, que elle ladre mais uma vez. Até amanhan. Porem, olhe, Sra. Martha, não deixe de resar a S. Paulo, para que defenda a mim, a V. e ao do-
sua de algum diluvio de vergonheiras.

VARIEDADES.

RESPOSTA A TEMPO.

Entrava em uma cidade populosa um corcunda do peito, e um individuo folgassão de má catadura perguntou-lhe porque trazia a mochilla adiante.

—Porque assim é preciso fazel-o em terra de ladrões, — respondeu o corcunda.

MOTIVOS QUE INDICAM DELEIXO NA FAMILIA.

Loja suja e sem luz a noite.

Colheres de chá sabendo a barata.

Mocamas de vestido desatado.

Moleque nú na porta da rua.

Manga de vidro embaçada com luz dentro.

Cha com agoa refervida.

Camizas de mulher estendidas na janella.

Faccas de meza sem serem amolladas.

Caeo de pote servindo de candieiro na cozinha.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

De ordem do conselho administrativo convocado á todos os Srs. socios para reunirem-se em assmsbléa geral, hoje ás 6 horas da tarde, afim de discutirem o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas do ultimo trimestre findo. Bahia 26 de outubro de 1868.—*Aristides Ricardo*, 1.º secretario.

Perdeu-se na noite de 25 do corrente do Arco da Estrada Nova até o Cabulla uma boceta de rapé, de prata e ja usada. Quem a tiver achado e restituil-a nesta typographia ou na loja do Sr. Manuel do Carmo Moreira Junior, á rua Direita do Collegio, receberá de gratificação o valor da mesma boceta.

Arrenda-se, ou se aluga para a festa ou por anno e por preço rasoavel, uma rocinha no alto do Bomfim, na estrada que vae para o Mont-Serrat, com grande e excellente casa de morar, contendo commodos para numerosa familia e escravos, com cocheira e estribaria, fonte d'agoa nativa e alguns arvoredos: quem a pretender dirija-se á rua de D. José, casa n. 34, atraz da Sé, onde achará com quem tratar.

Madame Larape, modista de Paris, chegada ultimamente do Rio de Janeiro, tem para vender onças postiças, barrigas de pernas e seios muito proprios para senhoras escorridas e tem tambem linguças em flocos, que suprem bem a falta de franja.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 43.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

30 DE OUTUBRO DE 1868.

N. 427.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
29 de outubro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, communicando-lhe que ha 8 dias ferve um importuno eandómblé, na loja n. 45, á rua da Preguiça, o qual, embora seja, talvez, com assentimento da policia, deve S. S. considerar quanto encommoado pode causar de noite á vizinhança, e por isso espera-se do zelo com que S. S. se tem distinguido até hoje no desempenho de seu cargo, fará dispersar *in continenti* tão immoral reunião.

—O recrutamento está sendo feito por uma maneira descommunal.

—Fora de hoje sempre foi assim.

—Mas eu não quero sancionar abusos com abusos.

Como é que se recruta a um homem, que vem á cidade vender o producto de seu trabalho, de sua lavoura?

—E V. viu isso?

—Hontem, no Caes Dourado, um sujeito, que vendia uma pouca de lenha, foi preso, deixando seu genero entregue ao aceso e a ventura.

—E o *Jornal* que bradava tanto, quando se davam destas violencias, metten a viola no sacco que nem pia.

—Com os diabos! Não posso entender a força do verso!

—O que ha de novo, charo amigo?

—Está a me quebrar a paciencia um periodo que li no *Diario*.

—Diga, para ver si eu acerto.

—Leu a carta do visconde de Jequitinhonha á redacção do *Diario*?

—Li.

—Fallando ao barão de S. Lourenço, diz: «Permitta-me ainda, Sr. barão, em justificação da attitude tomada pela nossa provincia contra V. Ex., que pergunte com a franqueza de um representante da nação: Si não ha na provincia da Bahia um celebre lugar ou porto chamado—Ponto do Presidente—onde, sendo V. Ex. presidente, desembarcavam os africanos importados criminosamente contra as leis e contra tratados e convenções solemnes? Todos sabem que ha, e ainda hoje são commemorados todos esses factos, que tanto no doaram a dignidade do nosso paiz. O governo que nomeou a V. Ex. não o sabia, mormente o Sr. ministro da marinha?»

O que significa, explica-me?

—A cousa é clara como a luz do dia.

Quer dizer que no tempo em que o nobre barão foi presidente, havia o immoral trafico de africanos, e que esse era um dos pontos em que elles desembarcavam, transformados em cabeça de aleatirão.

—Até ali morreu o Neves! Não adiantou nada mais que eu.

—Então fique com os beijos com que mamou; mesmo que isso são negocios que não lhe interessam.

—Bonito pedaço, na verdade!

—Ao que se refere V.?

—A este pedacinho do *Interesse*:

«.....»
«A decencia publica, a moralidade da Bahia, devem esperar attentões e respeitos, ao menos da *imprensa seria*.»

—De certas mulheres diz-se que são honradas porque ainda não pariram.

—Da imprensa, pode-se dizer que seria é aquella que não se vendeu.

—V. está alheio.

—Então explique-se.

—Imprensa séria é a que não é pasquinera.

—Isso é historia, rapaz: Si fôr por isso, não ha imprensa séria na Bahia.

Que pasquin maior do que uma mulher mandar acotitar a seu marido nas columnas de uma gazeta?

Que escandalo maior do que n'uma discussão politica, trazer-se o nome da mãe de seu contendor para a arena com allusões torpissimas?

—E' direito o que V. diz.

—Si isso é seriedade, diabo a leve.

—Macaco não olha p'ra seu rabo.

—Varro.

E' que há cães que quando lhe atiram o osso não se contentam de roel-o, querem morder a todos quantos lhes passam ao pé.

—Que gana!

Não é assim que se completa contingente! Prendem á torto e direito!

—Ainda hontem o 8.º prendeu como seu guarda a um escravo do Sr. Bacellar, boticario.

—Só? Um dia destes o commandante do 2.º officava ao major commandante do deposito de contingentes que mandasse pôr em liberdade ao escravo fulano, preso para guarda nacional do batalhão de S. Pedro.

—E' um abuso inqualificavel! Sahe um homem á rua e de repente vê-se cercado por tres ou quatro esbirros e preso por ordem de uma authority que não conhece!

—Fallavam dos voluntarios de pau e corda e continuam os escandalos.

—Quem quizer ver o villão, metta-lhe o cargo na mão. Censuravam estas violencias enquanto não podiam praticar peiores.

—Mané Conhém deu que fazer á policia.

—Que endiabrado é este?

—Um aleijadinho, de quem já lhe fallei.

—Chefe da sucia, que se reune no becco do Rincão, á rua das Veronicas?

—Elle mesmo.

—Então?

—Desarmou a policia, tomou o refie de um, deu pancada e foi-se.

—Em santa paz..

—Isso é que é deveras.

—Quando?

—Na quarta feira, ás 9 horas da noite.

—Que fanfarrão! Sinão fosse aleijado....

Elle só brigar com tantos!

—Elle só, não; guardas de Sant'Anna fardados entraram na rascada.

—Ah, eu logo vi!

—E a policia ainda ha de consentir o escandaloso ajuntamento do tal becco.

—Capitão, este pedaço da *Opinião Liberal*.

«O facto que se deu na cidade de S. Paulo, de ter sido recrutado um compositor do *Ypiranga*, em odio aos redactores do mesmo, com as circumstancias aggravantes de que faz menção o *Ypiranga*, nas palavras adiante transcriptas, bem como todos os outros factos attentatorios da liberdade politica—não é mais do que uma consequencia da dictadura que de ha muito se substituiu neste paiz ao regimen constitucional.

Eis como o *Ypiranga* relata o facto a que nos temos referido:

«O compositor de nossa officina Joaquim de Jesus Bueno. na noite de ante-hontem recrutado, foi hontem violentado a sentar praça no corpo de permanentes.

«E note-se, que alem da violencia, já por si escandalosa, houve uma illegalidade.

«Diz o art. 6 do regulamento do corpo:

«As praças de pret serão engajadas por tempo de 3 annos, não podendo ser engajado quem não tenha pelo menos 18, e não mais de 35 annos. de idade e a necessaria robustez, verificada por inspecção do cirurgião-mór.»

«Diz o art. 7:

«Podem ser engajados nacionaes ou estrangeiros que voluntariamente se apresentarem.....»

«Joaquim de Jesus Bueno sentou praça contra vontade, não soffreu inspecção do cirurgião mór e nem tem 18 annos!

«Porque então se fez tudo isto?

«Por vingança contra o *Ypiranga*!»

—No tempo que governavam os progressistas, os conservadores censuravam a maneira grosseira e brutal porque se fazia o recrutamento; mas hoje são os progressistas que censuram!

—Por força que estão mudadas as *scenas*!

—Até então os conservadores diziam—que ainda que se lhes entregasse o poder elles não queriam, por não ser possível governarem n'uma quadra de crises.

—Fizeram como a raposa que achou as uvas bonitas, e depois vendo que não as podia comer disse que estavam verdes.

—Elles, porem, enquanto não galgaram o poder, disseram que não era possível um outro partido governar; mas depois que pegaram na cousa, para desculparem-se, inculcaram-se *salvadores* do paiz!

—No entanto ainda não terminaram a guerra e continúa o recrutamento do mesmo modo que no tempo do governo dos progressistas e com as mesmas grosserias e brutalidades.

—Tão bom é um como o outro!

—No tempo dos progressistas era o *Jornal*, organ conservador, quem apresentava os factos escandalosos delles; mas hoje que elle está com a muchiba na bocca, é o *Diario* quem os apresenta, isto é. porque ficou *agouando*.

Ora creia-se n'essa gente!

O que hoje censuram, amanha praticam!

—Quem for tolo que os compre!

À PEDIDO.

—Capitão, *morro* si não fallar.

—Seu mal é esse, desembuche.

—Por *S. Paulo*, attenda-me, sinão estouro.

—Falle, falle, nutra seu genio.

—E' sobre uma subtracção.

—Miga.

—Feita tão ás cancaras, que dá na vista como um *pharol* em noite escara.

—Homem, acabe com isso.

—Já. A subtracção é feita em *oleo*.

—O diabo que lhe comprehenda.

—Quer mais claro, deite-lhe *azeite*.

—E V. a me encafiar com maluquices! Diga de uma vez o que quer.

—O que eu queria é que passasse um es-fasilhote no sugeito que elle *fosse vendendo azeite ás canadas*.

—Muxingueiro, vae estacionar ao pé do *paço do santinho*, pede um *canto* ao *João de Freitas* para te esconderes e quando vires passar um sujeito empapuçado, parecido com o *Moscoso*, sahe sobre elle de calabrote e lavra-lhe a cara com viração. Neste gosto irás com elle até a *pharmacia* adiante da *Santissima Trindade*, onde lhe mandarás applicar seis das melhores sanguesugas, por tres dias consecutivos, afim de ver si, com a extracção do pouco sangue que tem, o tal desertor do cemiterio, torna-se mais moderado em suas libidinosas acções.

—Capitão, aqui está um verdadeiro para-guayo.

—Quem é elle?

—Um insolente gallego, cuja lingua só frita em azeite.

—Mas então o que faz?

—Miseravel capacho do Lopez, vive a vociferar contra os brasileiros, lançando-lhe as mais negras pechas. Quando chega vapor, então mais se exacerba o bruto e diz deste povo o que *Mafoma* não disse do toucinho.

—Então, lapuz, atreves-te a deprimir da terra onde foste gente?

—Têve o atrevimento de dizer que o maior prazer de sua vida seria no dia em que soubesse que os brasileiros foram corridos á chicote.

—Chicote ha de levar elle na deslavada lata.

—Um cousa ruim, que veio largar aqui a *morrinha* do barril de *scelecta*, que trazia á cabeça!

—Os ingratos são assim.

—Muxingueiro, leva este seboso para a praça de *S. José*, compra um relho em casa do *Gomes* e vae-lhe dando até que eu mande o *Almeida* dizer que basta.

—Vou executar, capitão.

—*Legere et non intelligere est burrigrere.*

—Faz favor de traduzir-me isso?

—Ou o conselho da Sociedade Monte Pio dos Artifices não comprehende o que lê, ou quer que este publico passe pelo mais estupidarrão do mundo?

—A razão?

—E' clara.

Alguns sujeitos instállam uma sociedade a que chamam de *artistas liberaes* e em nome della vão comprimentar ao Sr. Saraiva.

—Estavam em seu direito.

—O conselho do Monte Pio dos Artifices, pespega um annuncio na gazeta, dizendo que não era em seu nome, nem com authorisação sua que se fazia isso!!!

—Que estupendo disparate!!

—Homem, ha gente, que a força de querer parecer-se *especifica*, vive a cada passo a *espichar-se*.

MOTTE.

*Amar e não ser amado,
E' mais que louca paixão.*

GLOZA.

Acordar de ventre inchado,
A bocca sabendo a breu,
Ind' é peor julgo eu,
Amar e não ser amado.
Ter o nariz arrelhado,
Andar sempre do timão,

Passar vida de capão,
Usar de enfeites de cobre,
Casar com viuva pobre
E' mais que louca paixão.

VARIEDADES.

Nasceu Adão,
Sem ter perigo,
Viveu, gosou,
Sem ter umbigo,
E si elle o tinha
Quem o cortou?

Sempre sadio
Elle se achava,
Não foi corrupto,
Pois não usava
Nem do tabaco
Nem do charuto.

Lavou-se em rio,
Não em banheira;
Dormiu sem cama,
Cresceu sem mama,
Só teve abraços
De Eva bregeira.

Chupava as fructas
Em vez de vinho,
Ouvindo as vozes
Dos passarinhos,
Tirando os ovos
Dentro dos ninhos.

Eva ao contrario,
Mulher teimosa,
Por caprichosa
Tudo perdeu,
De cara enxuta
Dentes na fructa
Logo metteu.

Adão que della
Era o palhaço,
Logo um pedaço
Todo engoliu,
Sente um caroço,
Torce o pescoço.

Ficou sem tino,
Ficou pasmado,
Sem ter abrigo

Temu castigo
Do seu peccado.

Mandou que Eva
Comesse o resto.
Que elle já estava
Muito indigesto.

Disse em soluços
Com voz chorosa:
Tu que fizestes,
Mulher teimosa?

Mulher quizilla,
Que me tentaste,
Daquelle fructo
P'ra que tiraste?

Metteste o dente
Com tanta gana!
Não te bastava
Comer banana?

Mulher nos actos
Não faz estudo,
Só quer por teima
Provar de tudo.

Em vez do fructo
Que não se engolle,
Antes comesses
Da jaca-molle.

Eva raivosa
Não quiz ouvir,
Só quiz caroço
Para entupir.

De taes mulheres
Cresceu a raça
Que por desgraça
Hoje soffremos,
Tudo que temos
Passam as boças,
Com phrases grossas
Inda respondem.

DICCIONARIO NOVO DE FONSECA.

Casamento.—Inxerto de amor; gangorra do Cupido.

Mundo.—Sacco de patifarias, angú de misérias, cortiço de velhaeos.

Lingoa.—Matraca do pensamento.

Nariz.—Sacca-rolha dos aromas, xaminé da respiração.

Dinheiro.—Emplastro resolutivo, alavanea das precisões.

Banana.—A primeira fructa que se achou depois do diluvio universal.

MAXIMAS.

Função de tollo,
Mal combinada
Acaba com furtos
E louça quebrada.

Homem que vive nas boticas
Sem ter mais occupação
E' vadio ou espião.

Homem de pé redondo
E barriga muito crescida,
Tem a cabeça
De terra intupida.

COUSAS INUTEIS.

Vida de bebado.

Lençol de soldado.

Rebaixamento do Campo da Polvora.

Mulheres.

Panella sem fundo.

Sacco roto.

Relógio sem ponteiro,

Gato cego.

Espingarda sem vareta.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Em virtude de não ter comparecido numero sufficiente de Srs. socios, no dia 28 do corrente, para serem lidos e discutidos o relatório do conselho e o parecer da commissão de contas do trimestre findo, do novo convidado-os, de ordem do conselho administrativo, á reunirem-se em assembléa geral, no domingo 1.º de novembro, ás 11 horas do dia, a qual funcionará com o numero de Srs. socios que se apresentarem, alem dos de que se compõe o conselho, segundo dispõe o art. 34 dos estatutos. Bahia 29 de outubro de 1868.—*Aristides Ricardo*, 1.º secretario.

Na rua Direita do Collegio, venda n.º 22, dezeja-se fallar com o Sr. Alexandre José Dias Nogueira, e entregar-se-lhe varios objectos.

VACCAS TOURINAS.

Nesta typ. se dirá quem vende 4 vacas tourinas prenhes.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 43.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

31 DE OUTUBRO DE 1868.

N. 428.

O ALABAMA.

O DIA DE FINADOS.

A egreja christian marcou o dia 2 de novembro para a festa dos mortos: bem differente porem é ella das outras. Os altares cobrem-se de luto, e os levitas do Senhor psalmeam sentidos *mementos*. Lá na torre geme o sino de espaço a espaço, e nas abobadas do templo echôam os seus plangentes soluços! Já de vespera a natureza, ao tombar da noite escura, parece qual viuva embuçada em negra mantilha, olhos fitos no tumulo do esposo! O riso foge aos labios de nós outros, habitantes do mundo, e em nossos corações deramam-se a um tempo dor, afflicção, medo e saudades! Na mente se nos desperta, repassada de melancholia, a lembrança d'aquelles que amamos e que já não existem, e sombria e cruel lá vem a idéa da morte, murchar as flores das terrenas illusões!...

Ricos e orgulhosos do mundo, governantes e potentados, deponde o fausto, a purpura, o luxo e a vaidade, e no eloquentissimo apophthegma do—*quia pulvis es*—vêde o nada do vosso insensato—*sic volo, sic jubeo!*

Onde o poder? onde a força?!

O que é feito dos Alexandres, dos Cezares, dos Pompeos, dos Marios, dos Syllas, dos Mithridates, dos Scipiões, dos Carlos 5.^o, dos Mahmouds, Napoleões e tantos outros famosos conquistadores?!

O que é feito de Babylonia gigante, do pri-

mitivo Egypto, de Troya, de Salento, da Phœnicia, da Athenas dos Themistocles e Milciades, de Roma consular, de Carthago a patria de Anibal, de Herculanium e Pompeia?!

Tudo se gasta, tudo se arruina, tudo se aniquila—palacios, colossos, cidades e imperios! Os impetos fogosos dos soberbos racionalistas, doudejando entre mil sophismas eavilosos, uns de encontro aos outros se chocam, se abalroam, e, travados em cega luta, mutuamente se destroem!

A orgulhosa philosophia do seculo, descora e recua ante o medonho—*aqui jaz*—do tumulo, e os seus mais ardentes coripheus, os decantados *spiritos fortes*, vacillam cobardes ao tropeçar n'uma caveira!.

Desenganae-vos, philosophos e conquistadores! Hoje o direito das paixões vos allucina a razão; porem amanha, quando á borda do sepulchro, estiverdes prestes a tombar, comprehendereis então, que o mundo é uma mentira, e que a—*Morte*—por vós escarneida, é de todas as verdades a verdade mais terrivel.

QUADRA FEITA A UMA CAVEIRA ENCONTRADA N'UM MATTO.

- « O' tu, mortal que me vês,
- « Reflecte bem como estou:
- « Eu já fui o que tu és,
- « E tu serás o que eu sou.

Em solitaria morada,
Onde humana voz não sôa,

Onde o terreno povôa
 Matto de escura ramada,
 Feia caveira mirrada
 O acaso encontrar me fez,
 Cresce o susto e a timidez
 Quando ella me diz e grita—
 » Um pouco pára e medita,
 « *O' tu, mortal que me vês.*

Immovel eu então ficando
 Sem quererlhe obedeci,
 E com violencia senti
 O coração palpitando;
 De todo os olhos fechando
 Frio suor me banhou,
 Ella de novo clamou—
 « Não feixes teus olhos, não,
 « Presta-me mais attenção
 « *Reflecte bem como estou.*

Com secco tronco me abraço
 Mal podendo respirar,
 Porque senti me apertar
 Da garganta o curto espaço;
 Não sei que estranho embaraço
 Immoveis torna meus pés,
 Fallou-me terceira vez
 O Desengano fatal—
 « Eu tambem fui racional
 « *Eu já fui o que tu és.*

Eu vendo ja de tão perto
 Ali o retrato meu,
 Os olhos levando ao ceu,
 Bemdizendo este deserto—
 Diz-me então «deste deserto»,
 « Um Deus que tudo creou—
 « Nenhum mortal isentou,
 « Nem condição, nem idade,
 « Ou lá mais cedo, ou mais tarde,
 « *Tu serás o que eu sou.*

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama
 30 de outubro de 1868.

Portaria ao muxingueiro, ordenando-lhe
 que vá despersar os diversos grupos, que á
 noite fazem das escadinhas do becco do Mot-
 ta ponto de recreio e reunião com suas dul-
 cineas. Cumpra.

—A freguezia da Rua do Passo é districto
 do 8.º batalhão?

—Tal pergunta não tem resposta.

—Mas lá está um *qui pro quo* entre o subde-
 legado e as praças do 8.º que, dizem, foram
 ali recrutar á mandado de *sinhô barão*.

—São cousas.

—Ora cousas! Com estas cousas cada um
 vae fazendo o que entende.

—Capitão, uma coincidência.

—Em que?

—No Rio de Janeiro, houve tambem um
 caso do desaparecimento de creança.

—Podia-se dar em qualquer parte; não ha
 nada ahí de novo.

—Não é pelo facto, é pelo episodio singu-
 lar que o acompanhou, que trato delle.

—Refira.

—Ouça o *Diario do Povo*:

«Sr. redactor.—Tendo eu sido chamada á pre-
 sença do Sr. Dr. chefe de policia da côrte, a pre-
 texto de dar conta de uma creança de seis mezes
 de idade, que estava entregue á sua mão, para cujo
 comparecimento fui apenas intimada verbalmente
 por um pedestre da policia, mal entrei na sala em
 que se achava o Sr. Dr. chefe de policia, este per-
 guntou-me em alta voz:—«Onde está a creança,
 diabo?»—acompanhando esta pergunta do DUAS BO-
 FETADAS que deu-me no rosto. Sou livre e nin-
 guem tem o direito de injuriar-me e castigar-me
 sem processo. Vou recorrer aos tribunaes para pu-
 dir a devida punição deste crime; mas, enquanto o
 não faço, queixo-me ao tribunal da opinião publi-
 ca, cuja justica não falha. Rio de Janeiro 10 de
 outubro de 1868.—*Margarida Maria da Conceição.*»

—Que tal! Este é dos taes, que fazem jus-
 tiça por suas mãos.

—Ha homens que quando *jantam* ficam de
 tão mau humor. . . .

—Sumitícaria exagerada.

Sahe o Santissimo Sacramento com uma
 tocha unica!

—Aqui na Sé não precisa essas *formalida-
 des*; á noite as ruas são claras como o dia.

—Ora adeus! Nem tanto, nem tão pouco!

«—No serviço do meu commandante, não
 tenho contemplação, nem com o filho de
 Christo.»

«E' paisano, não respeito.»

—Eis como entendem do fazer o serviço
 aquelles seis sargentos do 8.º

—Gritando pelas ruas como ebrios e pren-
 dendo a todos.

—E trazendo o nome do commandante,
 como si elle authorisasse excessos.

—Amanhan dizem que isto é falso.

—Duvido! Pois elles com a bocca tão alto,
 aqui no Terreiro, hoje quarta feira á noite,
 haverá quem conteste amanhan?

—Até ver não é tarde.

—Capitão, V. Ex. que gostá de peda-
 cinhos bons, aprecie este:

«O povo tem um dictionario especial para
 decifrar a linguagem dos despotas.

Nesse dictionario—*harmonia* quer dizer
 reaccção; *moderação*, exterminio; *justiça*, pre-
 potencia.

A legenda de que é arauto o Sr. Itaborahi, essa legenda de *moderação e justiça*, copiada sem duvida de algum trophéo paraguayo, é a legenda do terror, desabrido e feroz algumas vezes, surdo e *hypocrita* sempre.

Mas a legenda há de inevitavelmente ser apagada pela mão vingadora e intelligente da nação indignada.

É quem sabe até onde irá a acção libertadora de um povo ludibriado?!"

—Que folha é esta?

—*Opinião Liberal*.

—A *Opinião Liberal* diz verdades puras, mas que são inexequíveis na actualidade.

—A que estado reduziu aquelle verdugo a sua pobre mulher!

—Maltratou-a, espancou-a, arranhou-a e por fim deixou-a dentro d'uma casa em arvore secca!

—Carregou com os trastes para casa da concubina.

—E não se falle de actos destes.

Uma pobre moça, por seu mau destino, une-se a um dessoluto de tal ordem, que, além de matal-a a fome, martyrisa-a com sevicias, e não se invoque a protecção das authoridades á fava da infeliz.

—Diga o nome do desalmado e mande o mais a favor.

—Um libertino a quem chamam *Eustaquio*, mas que eu chamarei *monteiro* ou *montez* que em fidelidade conjugal dista tanto de S. José como o ceu do inferno.

Á PEDIDO.

—Capitão, venho lhe contar um caso.

—Si é cousa que serve, principie.

—Primeiro diga-me: gentefôrra tem senhor?

—Nunca vi.

—Pois eu já.

—Para mim é novo, mas V. que diz é por que sabe.

—Uma mocinha, por exemplo, que chupa todos os dias, como quem não quer a cousa, uma duzia de bollos?

—Por vontade?

—Por coacção.

—Isso é um abuso, um crime, não tem paridade com o que V. diz.

—Basta de divagar.

Ouçã o caso:

Um sujeito, caturra, que anda sempre com um ramo de *oliveira*, habitante das *Janellas do Carmello*, estabelecido na cidade do negocio, com loja de *tecidos* em *Santa Illustre*; apesar da prohibição que lhe impunha o sétimo sacramento da santa madre igreja, se duziu e raptou, ha tempos, uma menina e le-

vou-a para a rua do *Archanjo das balanças*.

—O maganão é amigo de *variedades*.

—Parece.

Desfructando as delicias que amor tem, nunca pensou o pardal apimentado, que houvesse quem lhe fosse descobrir o ninho onde tão bem resguardada tinha a sua presa.

Ora, a fructa é tentadora, e teve em breve um conquistador que assentou de despojar do lance o homem do ramo de *oliveira*.

O diabo soprou nas orelhas do cujo e elle pôz-se á capa, até que no sabbado passado foi dar com seu antagonista, que apesar de ser segundo queria ser *primitivo*.

—Si soubesse que sua historia era tal patifaria, não lhe ouvia.

—Agora deixe acabar.

Depois de um *lelé* dos diabos, ficou convencenados entre as partes contratentes, que a culpada levaria quotidianamente uma duzia de bollos, até que o homem desaggravasse ao seu offendido zelo.

—Que cachorrada!

Vão ver que hão de chamar a tanta patifaria vida privada.

E o tal que queria ser *primitivo*?

—Deu as gambias covardemente; depois de querer impingir ao outro que tinha ido levar um recado.

—Está me parecendo que elle serve mesmo para moço de recado.

—O que precisavam, sei eu.

—E então, gente livre é castigada ou não?

—Por essa maneira...

—Capitão, que susto!

—Que foi?

—Vi uma onça.

—Em que logar?

—No *trem do mar*.

—Homem, é preciso precaução; ha tantos meninos alli, pode o bicho *comer alguns*.

—E' domesticada.

—Com tudo.

—Na casa dos *trabalhos de madeira de construcção*, está a fera em sua jaula.

—Diga-me isso; está presa. Da liberdade, *privada*...

—*Ahi mesmo* pode fazer das suas.

—V. é timorato de mais!

—Por S. *Nicolau!* manda a dor e o susto que rapei, que lhe confesse que la não torno..

DISPOSIÇÕES ELEITORAES DA FREGUEZIA DO SANTO DE PADUA EM UNA,

DADAS PELO AÇAVIL AO FAROFA E MAIS ACOLITOS.

Farofa.—Bem chegado seja, amigo, como lhe foi de viagem? como ficou a sua *Pombinha* e o *Diasvi*?

Açavil.—É um grande sacrificio que faço, meu Antoninho, viajar em carro neste tempo, estou cosido de calor; já me arrependo ter avisado a Mariquinha para commigo vir tomar uns regabofes estes dias em Commandatuba, pois si não fôra isso lá ficaria em descanso com minha Pombinha, que está passando vida contente, e logo faria alguma companhia do Diasvi que está adoentado de febres.

Farofa.—Meu amigo, isto acontece-lhe por causa de em sua avançada idade, querer andar seguro a tres e quatro amarras.

Açavil.—Deixa-te disso, menino, são tributos do meu conhecido fado, vamos ao que serve; estou muito compromettido com meus amigos Manuel de Souza, Barboza e outros, portanto quero que disponhas de tudo, e presentes-te com teu pae, parentes e amigos em campo, para dirigires a eleição desta freguezia.

Farofa.—Descance, meu amigo, que eu aqui na barra com o *Manuel Virado*, meu pae lá no Maroim, *Silvado* no Mondeu, *Morpheu* e *Leste* na Cachoeira, e *V. S. com seus peitos largas de itapicurús*, existentes no seu viveiro, havemos de levar tudo de rasto.

Açavil.—Menino, a minha gente, já sabes, está certa ás minhas ordens enquanto eu por aqui andar, e basta um só aceno meu para elles me obedecerem e virem aqui promptos com seus clavinotes, bacamartes e facas de arrasto, darem uma descarga na urna, votando em quem eurbem quizer e determinar, porque o voto delles depende de minha vontade e arbitrio, visto que ali só eu quero, posso e mando.

Farofa.—Com effeito, si assim fôr, os marrecos das ruas do *Lume*, *Pés de Cajú* e *Braço do sul*, nem se animarão a apparecer na egreja e neste caso não será mais preciso lá ir ninguem, basta somente arranjar-se tudo isso em casa de meu pae.

Açavil.—E que duvida; pois tu, menino, ainda queres levar em conta esta cambada? Nada tens que receiar, teu pae que se faça valente e prompto á fazer o que te vou recomendar, e o *Manuel Virado* que na mesa observe tudo quanto convier, até se concluir o acto do recebimento das cédulas.

Silvado abaixando a cabeça e crusando os braços (*airula* escaldado da escaramuça que levou) submisso dirigiu-se ao *Açavil* e disse:—Está tudo muito bem; pela minha parte não tenho duvida em fazer tudo quanto esteja ao meu alcance com meus conhecidos das roças, menos com a gente d'aqui, porque me consta que o *Aguiar*, *Cesar*, o *Souza* e parentes, o *Cazaza* e amigos contam com quasi todo o

povo e até mesmo com a maior parte dos itapicurús, «os quaes já dizem as cancaras não serem escravos de ninguem, que já andam zangados com tantas invenções do *diabo*, que os trazem atropellados, e que d'antes eram livres porque o dono das terras que ali os botou, nunca lhes fallava em eleições e que só todos os dias lhes pregava que se unissem e cuidassem em trabalhar e ser verdadeiros, sem nunca os empregar em cousa alguma de que tirasse o menor proveito.»

O velho *Leste* e *Morpheu* baixando a cabeça para o *Açavil* em signal de confirmação, disseram ambos a um tempo:—tudo isso é verdade «e até queixam-se de andarem todos os dias, da direita para a esquerda, em viagens, conduzindo trens e farinhas para gasto do *diabo* e suas amigas.»

(Continúa)

VARIEDADES.

COUSAS QUE TIRAM O SOCEGO DE ESPIRITO.

- Cuidados permanentes.
- Amor sem recompensa.
- Maus tractos de quem se ama.
- Saudades de um bem adorado.
- Desejos extraordinarios.
- Incargos de consciencia.
- Incerteza de felicidade.
- Dar palavra em casamento.
- Mã visinhança.
- Marido impertinente e malcreado.
- Mulher tolla e ciumenta.
- Plano de vingança.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Em virtude de não ter comparecido numero sufficiente de Srs. socios, no dia 28 do corrente, para serem lidos e discutidos o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas do trimestre findo, de novo convidando-os, de ordem do conselho administrativo, á reunirem-se em assembléa geral, no domingo 1.º de novembro, ás 11 horas do dia, a qual funcionará com o numero de Srs. socios que se apresentarem, alem dos de que se compõe o conselho, segundo dispõe o art. 34 dos estatutos. Bahia 29 de outubro de 1868.—*Aristides Ricardo*, 1.º secretario.

Na rua Direita do Collegio, venda n.º 32, dezeja-se fallar com o Sr. Alexandre José Dias Negueira, e entregar-se-lhe varios objectos.